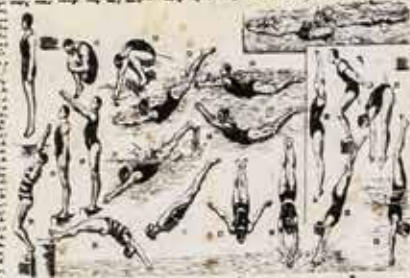


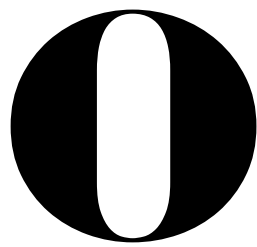
SUPLEMENTO

Belo Horizonte,
Julho/Agosto de 2017
Edição nº 1.373
Secretaria de Estado de Cultura

Encyclopedia Miguel Gontijo

qag 1244





O poema *Gilgamesh* é considerado o livro mais antigo do mundo. Datado de 2.100 A. C., foi encontrado em 1853 na forma de onze tábuas de barro cozido escritas em caracteres cuneiformes nas ruínas de Nínive, onde hoje está situado o Iraque. Nesta edição do **Suplemento Literário de Minas Gerais**, o texto é traduzido da versão inglesa pelo poeta A. A. Mercador. Aqui ele coabita com poemas de hoje, representados pelos versos de Simone Teodoro e César Gilcevi, da nova geração mineira, e pelo consagrado poeta Francisco Alvim.

De um passado bem mais recente, colabora também neste número, com um conto inédito, o escritor Drummond Amorim – vencedor, em 1974, do Prêmio Guimarães Rosa, como então se chamava nosso atual Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura. A seu lado, os contos do carioca Jorge Sá Earp e do mineiro Paulo Roberto Barbosa, este uma homenagem ao seu pai Bley Barbosa, que marcou época no jornalismo de Minas em meados do século passado.

Edgard Pereira faz uma análise do mais recente romance de Rui Mourão, *Mergulho na Região do Espanto*, e o modernismo português é comentado pelo professor Fernando Cabral Martins, especialista na obra de Fernando Pessoa.

Por fim, a trajetória do artista plástico Miguel Gontijo, que também assina a capa desta edição, é contada em entrevista a Fabrício Marques, mostrando sua maneira de encarar a arte.

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Secretário Adjunto de Estado de Cultura
Secretário de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais
Subsecretário de Imprensa Oficial da Secretaria de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais

Fernando Damata Pimentel
Angelo Oswaldo de Araújo Santos
João Batista Miguel
Marco Antônio de Rezende Teixeira
Tancredo Antônio Nunes

Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário Lucas Guimaraens

SUPLEMENTO



Capa: Miguel Gontijo

Suplemento Literário
Diretor Jaime Prado Gouvêa
Coordenador de Apoio Técnico Marcelo Miranda
Coordenador de Promoção e Articulação Literária João Pombo Barile
Projeto Gráfico Plínio Fernandes
Escritório de Design Gíria Design e Comunicação
Diagramação Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Conselho Editorial Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Equipe de Apoio Elizabeth Neves, Flávia Souza.

Jornalista Responsável Marcelo Miranda – JP 66716 MG
ISSN: 0102-065x

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

O SUPLEMENTO é
impresso nas oficinas da
Imprensa Oficial do Estado
de Minas Gerais

Suplemento Literário de Minas Gerais
Praça da Liberdade, 21 – Biblioteca Pública – 3º andar
CEP: 30140-010 – Belo Horizonte, MG – 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br



A PINTURA CONTAMINADA DE UM FAZEDOR DE COISAS

“NÃO PODEMOS COLOCAR ARTE NO MESMO PATAMAR DA VIDA”

FABRÍCIO MARQUES CONVERSA COM MIGUEL GONTIJO

Na tarde de 21 de abril, dia de Tiradentes, o artista plástico Miguel Gontijo mostrou-me, em sua casa, algumas das obras que fariam parte de sua mais nova exposição. Em um canto, havia o que ele chamou de “brinquedos tridimensionais”, criados com figuras de *Guernica* – o célebre painel de Picasso. No chão, o livro-objeto *Meu passado te condena*. Nas paredes, quadros evocando a babel bíblica, em que Gontijo põe em prática seu “academismo torto”.

A abertura de *Babel*, reunindo 60 obras inéditas, aconteceu quase um mês depois, no dia 18 de maio, na Grande Galeria Alberto da Veiga Guignard, do Palácio das Artes. Nela, os visitantes se deparam com uma grande instalação ao começar a percorrer os labirintos – vão surgindo também pinturas, desenhos, assemblages e objetos.

Logo no início da mostra, Miguel também oferece uma possível chave para entrar em seu mundo: “Chamo minha “não-escrita” de incunábulo. Ao mesmo tempo que significa origem, incunábulo também se refere ao impresso produzido nos primórdios dos tempos. Eu a chamo de incunábulo porque ela ultrapassa o sistema de letras do alfabeto. A “não-escrita” interage com a escrita, não com a leitura. Nos meus textos as coisas perdem seus nomes, as frases perdem suas regras. Passa a existir não mais uma informação objetiva, mas uma reinvenção da poesia. Dizer o indizível. Depois de Gutenberg o mundo ficou cheio de palavras, significados e regras. Eu as destruo para interagir com a escrita. Escrevo de uma outra forma”.

Nascido em Santo Antônio do Monte, em 1949, Miguel já tem mais de 50 anos de carreira, participando de salões de artes e exposições coletivas e individuais, no Brasil e no exterior. Em 2011, recebeu o prêmio Mário Pedrosa da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Nesta entrevista, que começou no início de dezembro do ano passado, ele fala de sua trajetória e de sua maneira de encarar a arte.

Você já disse, reiteradas vezes, que, sendo um pintor, a pintura nunca foi sua área de interesse. “Estou mais preocupado com uma estética dos sentidos do que uma estética da forma. A minha busca sempre foi atrás de uma imagem que fala.” Você poderia explicar o que é a pintura para você, o que seria essa imagem que fala?

A pintura é uma forma de expressão através da luz, da cor e da forma. Eu não tenho esse desejo de diálogo. Luz/cor/forma foram bastante estudados pelos modernistas. Uso esses recursos, muitas vezes de forma errada, como suporte para “contar uma história”, tentando fazer que esses erros pictóricos pareçam acertos gráficos. Nessa tentativa de “contar história” vou unindo coisas justapostas tentando, assim, abrir uma caixa de diálogo com o espectador. Quando digo “imagem que fala” é como se eu me referisse à esfinge, ou ao Pau que Fala dos aborígenes.

Em *Bibliotheca*, de 2014, você afirma: “Não sei o que é nascer artista. Trabalho – e muito! – para desenvolver uma forma específica de me comunicar. Meu único dom é a obsessão”. Você considera que alcançou essa forma específica? Como a caracterizaria?

Eu não alcancei nada. Nasci assim. Sei que um obsessivo é um “doente” e essa doença não me desagrada. Talvez, ao longo da vida, eu tenha me moldado lentamente. Mas isso ficou num plano inconsciente e eu nunca fiz análise à procura de me decifrar. De certa forma encontrei uma forma de felicidade em ficar fazendo garatujas e as lançar “ao mar”.

O que o levou a incluir nessa mostra a redação para a professora no curso ginásial, no início dos anos 1960, bem como os desenhos dessa fase?

Quanto aos desenhos, acredito que para um jovem de 11 anos, eles eram (são) bastantes audaciosos e muito me orgulho deles, hoje. Estavam plenamente sintonizados com o momento e eu não passava de um jovem interiorano, com quase nenhuma informação nessa área.

Hoje, nesses desenhos eu me reconheço um artista. A redação escolar entrou no catálogo da mostra pelo mesmo motivo dos desenhos. Há nessa redação uma história em sincronia com o realismo mágico, que virou febre na literatura latino-americana. E, depois, a curadoria, nessa exposição – *Bibliotheca* – tentou fazer um apanhado de todo meu processo de trabalho.

Falemos de “Miguel e o Ornitorrinco”, de 2012. O José Alberto da Fonseca disse que “cada um de seus quadros sugere uma visão crítica, ideológica, distanciada do maniqueísmo entre o belo e o feio, bem e mal, o que traduz a herança de sua formação de filósofo e historiador.” Você concorda com essa definição? O que sua formação nessas duas áreas trouxe para sua pintura?

Trabalhei até me aposentar na área de processamento de dados e nunca pleiteei ser um historiador ou um filósofo. Sou muito egoísta. Estudo para mim. Para a minha pintura tudo é serventia. O que o José Alberto disse acredito ser uma verdade, porém não é apenas uma herança da minha formação acadêmica.

É fato que quando você veio de sua cidade natal para Belo Horizonte você não se sentia aceito por seus pares? Como procedeu nesse contexto?

Sempre fui muito tímido. Fiquei de lado, só de olho. Eu era aceito (e acredito bem amado), mas meu trabalho não. Talvez eu devesse ter me imposto com mais veemência. Ou até mesmo indagado por que não era aceito. Se o que fazia, na minha cidade era meu passaporte para ‘enturmar’, aqui ele não tinha essa validade. Só me restou acreditar que o que fazia não era bom. (Porém, eu só sabia fazer isso!) Talvez minha vida seria encaminhada para outro lado se não fosse a crítica de arte Maria do Carmo Arantes. Ela que disse: “Não! Vamos à luta”.

A exposição *A pedra da melancolia*, de 2004, dialoga diretamente com a gravura de Dürer *Melancolia I* (1514). Na apresentação do catálogo, você diz que desta gravura só restou a pedra. Se daqui a cem anos, um crítico do futuro se confrontasse com a obra de Miguel Gontijo, o que ele poderá dizer que restou dela?

Gostaria de dizer loas para você do meu futuro. Mas não posso. Só sei que sou um fazedor de coisas, atirando-as de um lado para o outro. Acredito que Dürer também não sabia que a pedra dele ia acabar acertando a minha cabeça. E acertou. Sangrou feio! Mas por enquanto minhas pedras são de isopor.

Por que você diz que o resultado de seu trabalho (se referindo à *Pedra da melancolia*, mas também a outras mostras) é pura trapaça?

Não podemos colocar arte no mesmo patamar da vida. A esfera dela é outra e o que ela tenta é nos oferecer idealizações, sonhos, transvestidos de vida. Essas concepções podem até a se materializar em vida, mas isso é outra história.

A presença do humor e da ironia é uma característica importante de muitas de suas exposições, como, por exemplo, em *I Modi – Cenas de Amor e Guerra* (2008). Você concorda? É uma estratégia poderosa para tratar de temas como sexo e poder, amor e guerra, não é? O Jacob Klintowitz chegou a dizer, em 1981, que





você pertence à estirpe dos satíricos (nesse sentido, penso também nos objetos-poema: "Pelo olho devoro o mundo", "A cor do meu sorriso", da mostra *Bibliotheca*).

O humor é essencial em tudo na vida. A sátira e a farsa são formas de dizer coisas sem levantar bandeiras. É falar através de viés. Eu não gosto de arte engajada, em estar a serviço de uma bandeira. Temos que estar disponíveis, aberto, rindo (e chorando) por tudo. *I Mode* foi uma das séries que comparei dois períodos distintos da nossa história. Um período revolucionário através da guerra e outro através do amor. Todas as duas imagens usadas por mim nessa série eram pré-renascentistas e a situação que as envolvia era o mundo de hoje.

Na série de pinturas "Círculo Vicioso" (2008), você diz: "o que represento são profanações, pois não há nada que se torne público sem ter sido profanado. (...) Nada mais tem critério de verdade ou de objetividade, mas uma escala de verossimilhança". O que são exatamente essas profanações, como podemos entendê-las?

Comungo com a teoria de que a vida é cíclica. Estamos presos à lei do eterno retorno. O que é sagrado hoje deixa de ser amanhã e vice-versa. A cultura não é estanque e a beleza da arte é esse questionamento de valores, a proposta de novos caminhos e desvios. Arte é antes de tudo audácia, coragem para chutar o balde, profanar o *status quo* vigente. É a falta de regras, é transposição, é transgressão de limites.

A mostra *20 Centavos* (2013) é uma intervenção muito crítica, de certo modo engajada, à maneira do que chamamos de poesia de circunstância, um comentário muito preciso a um momento dramático da história do Brasil, que persiste até hoje. Como você mesmo diz, é um diálogo entre dois tempos. Você pode falar um pouco dessa mostra? E qual o significado pra você dela hoje, com os eventos dramáticos que todos acompanhamos na vida política do país?

Colhi as imagens na internet, sentia-me indignado com cenas que via. Fiz essa exposição no calor do momento, por isso, hoje, eu me envergonho de tê-la feito. Já disse que não gosto de arte engajada e acabei sendo circunstancial. (Veja bem: eu não devia ter feito essa exposição no momento efervescente em que a fiz; porém, gosto de ter feito os quadros, que desvinculados da situação tornam-se um trabalho à parte.) Existem dois personagens dentro de mim: um artista e um cidadão com CPF. De vez em quando um atropela o outro. É claro que há um intercâmbio de influências, porém os dois pensam iguais. Ao artista cabe, a todo custo, ser mais sutil.

Em sua exposição mais recente, *Almanaque*, de 2016, você apresenta duas séries de pinturas, "Jornal de Ontem, Arte de Hoje" e "A Construção de um Mundo (escorço, esboço, cálculos, considerações e tragédias)". Essa exposição, como você mesmo diz, tenta "inventar" um novo almanaque, levando em conta a memória, o saber popular e a história cotidiana de um homem perdido no excesso de informações ao dispor dele. O que essa exposição representa no conjunto de sua obra? Para onde esse *Almanaque* aponta?

Minha obra sempre aponta para mim mesmo. Assim que terminei essa exposição entrei – e ainda estou – em pleno processo de uma nova mostra, dessa vez denominada *Babel*. Grosso modo, *Babel* é o oposto do

Almanaque. Se no *Almanaque* eu falo do excesso de informação, dessa vez eu falo da falta de comunicação. Ou melhor: da informação não assimilada, que acaba gerando o caos. Sempre digo que, ao longo da existência, fiz apenas um único quadro. Um quadro que vou fragmentando vida afora. Uma obra é construída junto com a construção da nossa vida. Absorvendo culturas e o nosso sentimento de mundo. A obra é o reflexo disso. Não tem como desprender-me do que sou composto e reiniciar-me numa página em branco. É fluxo contínuo. Embora ela (obra e vida) lhe ofereça múltiplas pontas, todas são depuradas igualmente, na mesma fonte. Gostaria muito de poder dizer, tanto da minha vida como para o meu trabalho: agora sou outro! Não posso. Sigo o fluxo.

Você diz que na sua cidade natal, e especialmente na sua casa, tudo era verbal. Muitas palavras, livros, revistas. Fale um pouco dessa época, e diga se essa época, de algum modo, contribuiu para o uso posterior de “textos verbais” em suas criações.

Já disse que sou um pintor infiel e que estou a serviço da poesia. Gosto muito da palavra. Sou um escritor frustrado. A minha formação foi através da leitura. Li muito. Aos 10 anos já conhecia toda a obra infantil do Monteiro Lobato; já tinha lido Machado de Assis e dizia aos professores que não gostava. O estranho é que até hoje não é meu prato preferido! Não sei passar um dia sem ter lido alguma coisa. Meus conhecimentos nas artes plásticas não passavam de notícias da revista *O Cruzeiro* e três quadros que minha tia copiava vagarosamente de um cromo europeu, cheio de neve e ursos. Acho que foram as histórias em quadrinhos que me apontaram uma direção. Não só as lia vorazmente como ficava copiando desenho por desenho as cenas que mais me atraíam. Lembro-me de muitas vezes abandonar o texto da história e ficar apenas olhando os desenhos. Nos meus quadros, eventualmente aparecem palavras, mas em quase todos fica apenas registrado a punção do ato de escrever. Uma grafia que se propõe um texto e que não existe como tal. Um rasto, uma sombra, um hieróglifo, um desejo. Faço desenhos de palavras não ditas. O que proponho é a escrita como estética. Afinal, a escrita nasceu da imagem.

Você diz que, geneticamente, é filho de “bojudas igrejas barrocas”. Como assim?

Na minha cidade havia uma igreja barroca, cujas paredes e a disposição dos altares arredondavam-se, abrigando-nos como se fosse um grande útero. Se hoje eu não professo um Deus e vivo em eterna “crise

Não sei passar um dia sem ter lido alguma coisa. Meus conhecimentos nas artes plásticas não passavam de notícias da revista *O Cruzeiro* e três quadros que minha tia copiava vagarosamente de um cromo europeu, cheio de neve e ursos. Acho que foram as histórias em quadrinhos que me apontaram uma direção

de identidade”, foi dentro dessa bojuda igreja barroca que moldei a minha moral, minha ética, meus medos, minhas ilusões e frustrações.

Em 1969, você foi reprovado no vestibular de Medicina e entrou em um curso de História da Arte na Escola Guignard. Que lembranças tem dessa época? Refiro-me também ao seu encontro com a aula de Desenho, que parece ter sido uma revelação para você, naquela altura.

Tomar bomba no vestibular significava voltar para casa dos pais e preparar mais um ano para o novo vestibular. Eu não queria voltar. Em frente ao Palácio das Artes havia uma faixa dizendo “Curso Livre de Arte – matrículas abertas”. Isso me apareceu como opção para ficar por aqui. Avisei meus pais e me matriculei. De fato queria fazer um curso de História da Arte. Fiz minha matrícula, porém o curso tinha todas as matérias, menos História da Arte. No primeiro momento pensei em desistir. Foi a professora Odila Fontes que me levou para a sala e disse: “desenhe!” e armou para mim um cavalete com papel e lápis. Era uma aula de modelo vivo. No centro da sala, uma gorda modelo nua. No papel ficou registrado a minha timidez diante da situação: desenhei no canto inferior do papel uma mulherzinha diminuta. Odila, ao ver aquilo, apagou meu desenho e pediu que usasse o papel como um todo. Tentei, porém a mulher, agora, não

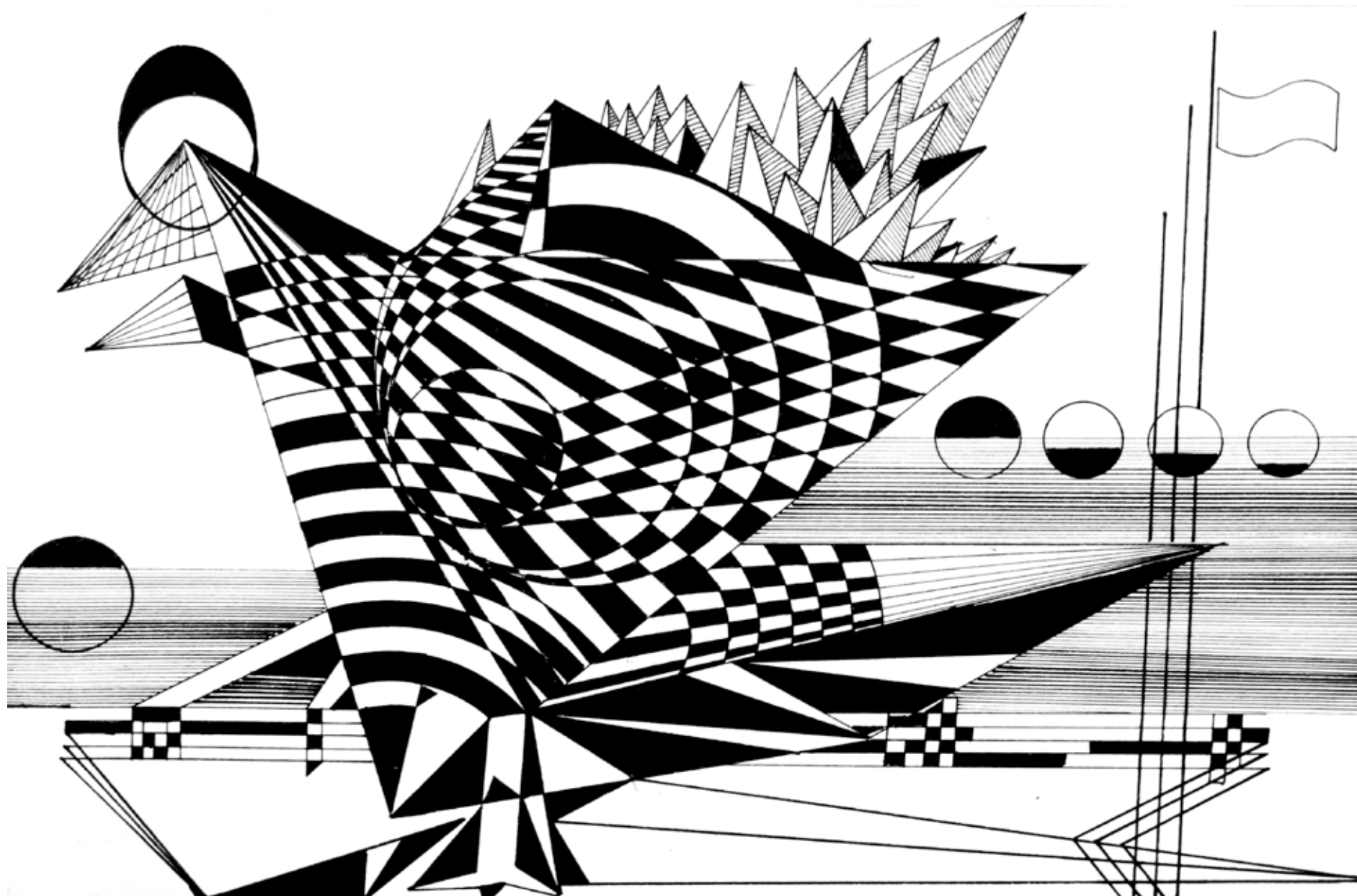
mais cabia no papel. Ficou faltando espaço para as pernas e um pedaço do braço. Devo a Odila minha permanência por três meses nesse curso. Foi ela que me mostrou as possibilidades da arte e minha possibilidade de tentar ser um artista. Foi ela que me fez participar do primeiro salão de arte e me incentivou a continuar tentando.

Você atribui alguma hierarquia, em seus quadros, à palavra e à imagem?

Nos meus quadros as palavras (e/ou pseudotextos) possuem a mesma hierarquia. Para mim a palavra é também uma imagem. Nos meus quadros esses sistemas se cruzam, através de apropriação dos signos.

O que mais o atraiu nos pintores flamengos, a ponto de eles terem sido sua primeira e inesquecível paixão?

As belas ilustrações do “Tesouro da Juventude”, as iluminuras reproduzidas nas bíblias e a maioria dos livros ilustrados que via em minha casa, estampavam quadros dessa época. Talvez advenha disso essa paixão. Porém, sinto que hoje essa paixão já está esvaecida, morna, contemplativa. Talvez tenha se transformado em amor. Sou muito infiel quando se trata de paixão artística.



É correto dizer que Picasso, Van Gogh, Bruegel e Dürer estão entre suas principais referências? Por quê? Quais as características de cada um que mais chamam sua atenção?

Quando comecei a desenhar, conscientemente, desconhecia Bosch e Bruegel. Porém eles já estavam presentes nos ambientes que criava. Quem me mostrou a obra de Bosch pela primeira vez foi o professor Carlos Wolney, no período em que estive na Guignard. Se nesse momento foi como encontrar “minha família” e tivesse investido muito nesse encontro, dois ou três anos depois iniciei uma forte batalha “para matar” esse pai dentro de mim. Não consegui. Até hoje tento camuflá-lo, despistá-lo, mas lá no cantinho estão eles a me humilhar. Os missais de minha vó, como nos de minha mãe, cabia a Dürer ilustrá-lo. As cenas do apocalipse me faziam perder horas a olhá-las. Copiei inúmeras vezes em meus cadernos escolares. Queria desenhar como ele. Picasso me ensinou, já adulto e artista, o exercício da liberdade. Como já disse, a pintura nunca me seduziu e foi quando dei de cara com *Guernica*, onde a pintura é abandonada em segundo plano em detrimento a uma ideia, para um desenho liberto e um rico grafismo, que assumi que era isso que eu queria para minha vida. Em quase todos meus quadros a lampadazinha de *Guernica* está presente me avisando do seu poder sobre mim. Van Gogh é um grande pintor. Mas eu sou apenas um espectador do seu trabalho.

As “Miguelianas”, de 2012, nasceram de uma tentativa de produzir uma série de pinturas que refletissem a iconografia do país e, essencialmente, a cultura de Minas Gerais. “Enfim, fazer um trabalho verde/amarelo. Ou melhor: vermelho e branco.” Nesse sentido, por que você diz: “Acho Minas muito igual. O que tem de ‘muitos’ são seus mistérios”?

A iconografia mineira é bastante mostrada, seja pela fotografia, pela literatura, pelo artesanato e até mesmo nas artes plásticas. Quando cursava História fiz uma série de aquarelas à maneira de Debret, retratando ciclos e coisas mineiras e tentando casá-las com a política da época atual (anos 70). Mas rapidamente descobri que meu trabalho não tem o poder de retratar essas cenas. Queria liberdade, exigia espaços e multiplicidades. Meu trabalho fala de outras coisas. Ele pretende ver o mundo pelo avesso. A série *Miguelianas* procura ver o que tem por detrás desses arquétipos mineiros.

A apropriação de imagens alheias, em especial de objetos da indústria cultural, é uma referência marcante de seu trabalho – seus quadros podem parecer uma colagem, num certo sentido. Só nas *Miguelianas* podemos fazer um rápido inventário: creme dental Kolynos, Aleijadinho, Grande Otelo (*Macunaíma*), Gato Felix, Goya,

cigarro Hollywood, Lexotan, bombom Sonho de Valsa, Picasso, carta de tarô Emulsão Scott, Theodore de Bry, Saunders, Irving Penn, Andy Warhol, sal de frutas Eno, cédula Cruzeiro, Tarzan, Toddy, Melhoral, Mickey, Mônica, do Maurício de Sousa, chicletes Adams. Você pode dizer como, na criação de seu trabalho, essas imagens específicas chamam sua atenção para se deslocarem do local de origem delas para os seus quadros?

São imagens canibalizadas numa tentativa reorganizadora e reconstrutora. Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Bachelard afirma que ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção. É sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação. Para Bachelard se uma imagem presente não faz pensar numa imagem ausente, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação. Para ele o vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é imagem, mas imaginário. Embora não use a técnica tradicional de tesoura e papel, grosso modo pode-se dizer que meu trabalho é uma colagem. Só que é uma colagem feita com pincel/tinta/deformação. Acredito que essas imagens não sejam citações e sim, apropriações. É o meu abecedário. São imagens que me inspiram. Paul Valéry disse que “o verdadeiro poeta é aquele que nos inspira”. Essas imagens (e seus autores) são para mim ‘verdadeiros poetas’. Elas permeiam meu trabalho como jogos de associação, ou para dizer aquilo que em sua origem lhe foi negado de dizer. Quero deixar a sensação de que fiz uma colagem em minhas pinturas. Esse jogo de gato e rato, real e imaginário, herdei do dadaísmo, utilizando essas dualidades com um propósito anárquico; ou do cubismo, dando à obra, deliberadamente, um duplo sentido. Porém, raramente, fiz alguma colagem nos meus quadros.

Para alguém que cresceu em Santo Antônio do Monte, pequena cidade do centro-oeste mineiro, você ainda se sente desconfortável com a designação de “artista”?

Nunca vou acostumar. Ainda não sei se acho a palavra artista muito poderosa ou um retrato de alguém que não deu nada na vida. Intelectualmente acho a “profissão” de artista algo muito forte e especial. Porém a designação serve para qualquer coisa e, principalmente, para identificar alguém habilidoso. Qualquer pintor de fim de semana que enfeita a casa da tia é artista. Qualquer extravagância é obra de um artista. Qualquer poder faz um artista. Eu respeito e gosto muito de arte. Não sei e nunca vou saber se o que faço é ou não arte. O meu trabalho, quando pronto, passou por um processo de depuração muito grande dentro de

Várias vezes entrei
no cinema escondido.

Enxergava o mundo mais
pela ótica do cinema
americano do que pela
mineiridade do meu
espaço físico. Algumas
vezes não entendia
nada do que acontecia.
As legendas passavam
rápidas demais.

mim. Muitas perdas, muitos ganhos, muitos desvios, a ponto de minha opinião a respeito do que fiz estar completamente contaminada para que eu o julgue. Só me resta atirá-lo ao público e ver no que dá. Estou sempre de costas para o que faço. E é o meu trabalho que vai me definir como artista no papel da história. E essa definição não está a meu serviço.

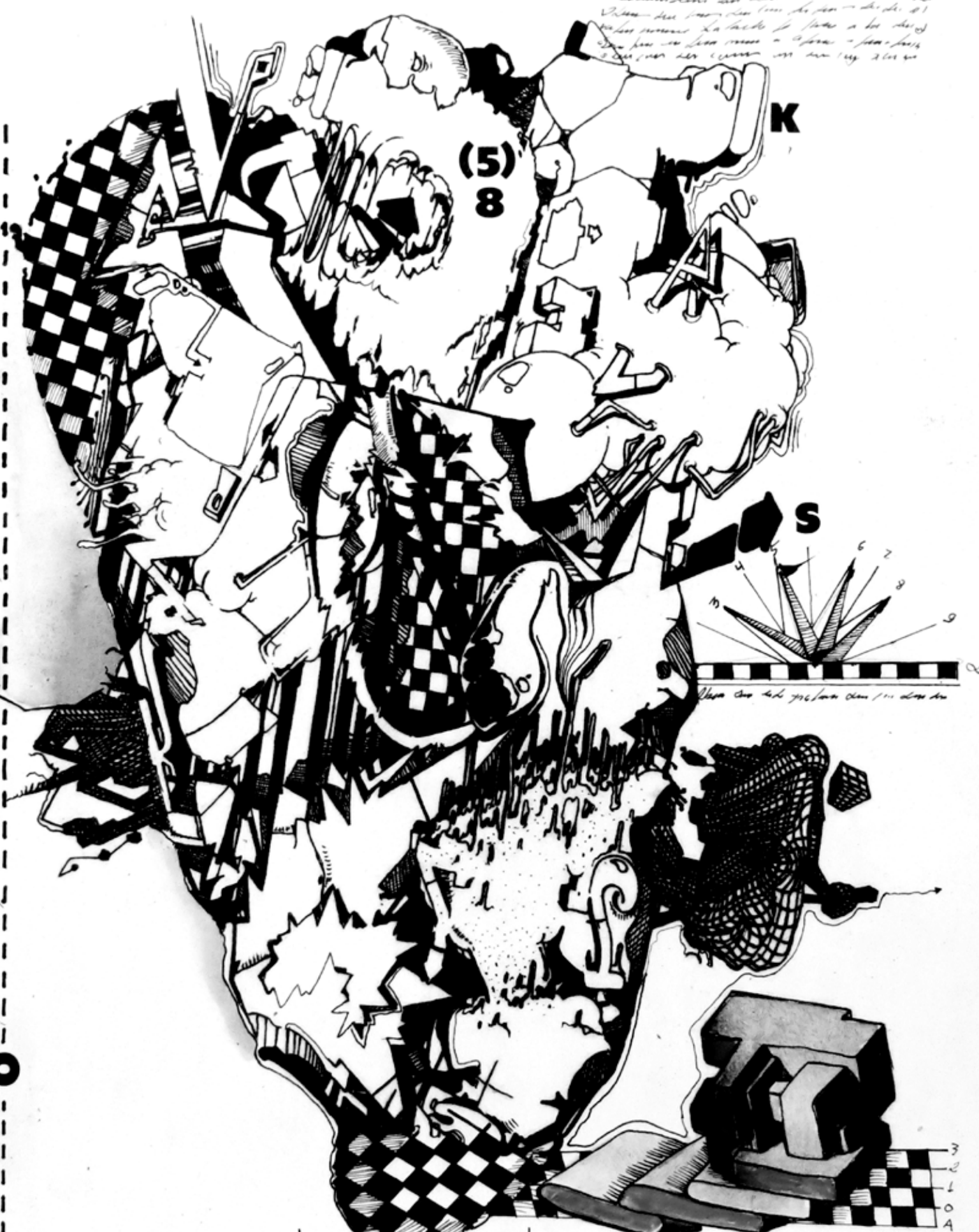
É correto afirmar que seu trabalho está estruturado no triângulo literatura, quadrinho e cinema?

Sim. Quando criança conhecia o mundo pelos filmes e não perdia nenhum. Ficava imensamente infeliz quando a censura não me permitia assisti-los. Várias vezes entrei no cinema escondido. Enxergava o mundo mais pela ótica do cinema americano do que pela mineiridade do meu espaço físico. Algumas vezes não entendia nada do que acontecia no filme. As legendas passavam rápidas demais, ou, então, não dominava o assunto. Mas não tinha importância. A sedução era pelas imagens. O meu quintal era habitado por personagens que falavam inglês. A literatura era um vício. Aprendi a ler com seis anos, sem ajuda de ninguém. Felizmente meus pais me abasteceram de livros. Pelo “Tesouro da Juventude” viajei todo mundo e com Monteiro Lobato descobri o que era ser brasileiro. (Nesse ponto devo salientar a importância de Lobato em meu trabalho. Tal qual D. Benta que recebia personagens de todo mundo, sejam deuses do Olimpo, sejam habitantes de outras histórias, os meus quadros também percorrem esse discurso e estão abertos a qualquer personagem que queira enriquecer meu “sítio” particular.) Os quadrinhos me ofereciam imagens/texto/fantasia. Colecionava as revistinhas compulsivamente. Foi através delas que descobri que sabia desenhar e meus colegas, não. E esses desenhos foram meu passaporte para enturmar com meus amigos, já que não era dado ao esporte. Não sabia nadar e não jogava futebol. Ilustrava os cadernos deles para conquistar sua admiração. O desenho que mais fazia sucesso era o Shazam em pleno voo.

Muito embora você afirme que abomina o onírico, você pode considerar que eventualmente algum espectador pode identificar seus quadros dessa forma? Ou está mais para a irreverência do dadaísmo? Sobre essa ligação com o dadaísmo, penso em *Enquanto você me olha*, de 2007, com a série *Manual de instruções* (“Instrução para se picar o fumo”, “Instruções para que você saiba que ceci n’est pas”, “Para se comportar na hora da merenda”, “Para eliminar Super-Homem da Renascença” etc).

Sim. Por várias vezes ouço alguém fazendo ligação do onírico ao meu trabalho. É um direito deles (ou um desvio meu?). O que eu quero é que meu trabalho diga alguma coisa. Não o quero transparente ou definido.

Albino - Bibi Hampel, 27 de Janeiro de 1983 - Original em 20x28 - Rua Cadea (Rua Wenceslau) - Des 12



MCMXXIX
 o dia 1 de Janeiro de 1983 no dia 2 de Janeiro de 1983
 o dia 3 de Janeiro de 1983 no dia 4 de Janeiro de 1983
 o dia 5 de Janeiro de 1983 no dia 6 de Janeiro de 1983
 o dia 7 de Janeiro de 1983 no dia 8 de Janeiro de 1983
 o dia 9 de Janeiro de 1983 no dia 10 de Janeiro de 1983

MCMXVIII
 o dia 1 de Janeiro de 1983 no dia 2 de Janeiro de 1983
 o dia 3 de Janeiro de 1983 no dia 4 de Janeiro de 1983
 o dia 5 de Janeiro de 1983 no dia 6 de Janeiro de 1983
 o dia 7 de Janeiro de 1983 no dia 8 de Janeiro de 1983
 o dia 9 de Janeiro de 1983 no dia 10 de Janeiro de 1983

ONDE O CORAÇÃO DILATA 18° 45' 36" 270 24' 28" ← DE LOTA FICA

Não quero uma obra estanque. Por mais que queira dominá-lo é preciso que ele também perca as rédeas. Suas definições cabem ao espectador. Para mim o surrealismo banalizou muito o onírico e me incomodam quadros cheios de chavões, achados, transcendências. Incomoda-me o “bem comportado” em qualquer situação e talvez aí se encontra a pegada dada em meus quadros.

Muitos identificam seu trabalho com o barroco. De qual barroco exatamente podemos falar?

Saí das catedrais e dos palácios. Sou um barroco dos supermercados, dos shoppings, perdido na vertigem do preenchimento da internet. Um barroco da confusão das formas e do excesso. Embora essa identificação seja comumente de caráter pejorativo, como se eu não fizesse parte do contexto contemporâneo, estou, sim, inserido nessa escola. Seja pela herança cultural, seja pela forma que elegi para me expressar. Quando me expresso insiro numa perspectiva que contempla aspectos subjetivos da ambiguidade, do excesso e da repetição. A forma labiríntica que componho a narrativa e a profusão de paródias acentuam essa característica, deixando tudo parecer um devaneio. Hoje, vários teóricos defendem a ideia de que o barroco não só define um período da história da cultura, mas também como uma atitude generalizada e uma qualidade formal dos objetos que o exprimem. Ser barroco é uma categoria do espírito, oposto ao clássico.

De que forma sua estética pode ser aproximada dos diretores Federico Fellini e Peter Greenaway?

De Fellini gosto do grotesco, do sutil, da elegância. De Greenaway fica em mim o “sujo” e a sobreposição de imagens. Uma situação que diz uma coisa e diz outra oposta, ao mesmo tempo. Criamos narrativas de duas pistas. Quando me aposso de uma imagem quero dar a ela as feições e ao seu espaço, o enquadramento *felliniano*; já às sobreposições, desinquietudes e acúmulos, identifico-me com o cinema de Greenaway.

Por que você diz que gosta da “ideia de pintura”, e não da pintura em si?

Pintar exige ferramentas que não possuo e seu discurso nunca me seduziu. Sou seduzido pela imagem e para produzi-la lanço mão da pintura para abrir uma caixa de diálogo. Sou mais um desenhista que pinta e, quando pinto, sou mais um gráfico que um pintor. Uso a pintura como serventia na construção de uma imagem.

Se você fosse um espectador de seus quadros, por onde começaria a olhá-los? Por onde entrar neles?

Greenaway disse que mesmo tendo sempre o pensamento voltado para o contemporâneo não somos nada sem a memória e a comparação. As comparações são sempre pessoais e subjetivas. Por isso eu não ofereço portas de entrada no meu trabalho. Na maioria das vezes as coisas aparecem aos borbotões. Isso é providencial, pois pretendo que cada espectador pegue na ponta que desejar e invada o quadro. A beleza plástica

não me seduz. O que procuro é o algo que desperte meu pensamento, e a tradução do insigne para com as artes plásticas. A imagem do sublime é de fácil aceitação quando se trata de uni-la a beleza e a poética do pieguismo. Elegi fazer trabalhos através da estética do grotesco. Sempre soube que pagaria um alto preço por isso. As pessoas procuram (e querem) a placidez das imagens e das cores. O público aceita a “Mulher que Chora”, de Picasso; “Saturno Devorando o Filho” de Rubens; “O Sabá das Bruxas”, de Goya e “A Cabeça de Medusa”, de Caravaggio, entre outros, é pelos seus autores, não pela obra. Foram necessários 500 anos para que Bosch saísse dos porões dos museus. Foi necessário uma estrela pop – Madonna – tornar-se colecionadora pública de Frida Khalo para que ela passasse a ser cultuada. Mesmo reconhecendo essa dificuldade que meu trabalho enfrenta, não vou abrir mão da estética que escolhi. Normalmente as pessoas querem obras que não exijam nada delas.

É correto afirmar que a grande maioria de suas exposições foi feita em espaços culturais, como *Enquanto sô Lobo não vem, de 2009*? Qual a importância desse fato para você?

Quase toda minha jornada foi feita em espaços culturais. Embora não tenha planejado isso, esse foi o caminho que consegui e muito me orgulho dele hoje. Meu trabalho não prima pela estética da beleza tradicional, pelo prazer decorativo, ou pela placidez que a imagem possa oferecer. Muitas vezes ele agride e sempre nos obriga pensar. Não paio tranquilo nas paredes, mas defino muito bem a personalidade do dono da casa. As galerias comerciais não querem isso. Embora esse conceito esteja mudando, raras foram as galerias que me procuraram.

No catálogo do *Laboratório Genético do Dr. Leugim Olegna: ressignificações: livros, homens, bichos e coisas, de 2014*, você recorda de uma vez em que entrou com seu pai em um museu de cera de história natural – “senti nojo e enjoo. Também sinto desconforto e atração pelos livros ilustrados de medicina”. E o que você sente quando considera um quadro adequado (pode-se dizer pronto?) para ser mostrado às pessoas?

Um artista precisa de audácia. E muita! Quando dou por findo um quadro eu não tenho certezas e sim muita insegurança. Ele pode se apresentar como o museu de cera da minha juventude, mas também pode ser um plácido jardim. Ao mostrar o quadro pronto é como se colocássemos um termômetro nele. E assim vou adequando-o, ajustando-o constantemente.

FABRÍCIO MARQUES

é mineiro de Manhuaçu, poeta e jornalista.

CONTOS AMIGOS

CONTO DE DRUMMOND AMORIM

ILUSTRAÇÕES DE SEBASTIÃO MIGUEL

– Ninguém é confiável, de todo não é, ninguém – doutrinava o chefe nos bons tempos, desfilando garboso, puxando a fila dos mais novos, descrente de tudo na vida e metendo o bico no que não era da conta dele. Também, não era gente como você. Para começo de conversa, se negaria a assimilar adjetivos que ao menos sugerissem afetação ou arrogância – tinha lá sua nobreza. E defeitos, claro, agregados e assumidos sem constrangimento. Se quer saber, nem original era, atacando moinhos de vento, imagine, talvez a mais célebre ameaça a malucos desconfiados. No mais, jogava dardos no escuro, metáfora de uso exclusivo, parece, na complicada função (para ele, missão) de passar conhecimentos a pirralhos pouco ávidos de saber e que, cabeças diminutas e gulosos além da conta, teriam preferido qualquer punhado de grãos a alguma arca lotada de pérolas, que coisa: valorizavam mais uma vasilha de farelos que o alimento da alma, pois é.

Fizeram a peça sui generis e perderam a fôrma, houve quem dissesse. Desta parte, gostava dele do jeito que era, com as manias e tudo, exemplo? Mesclava histórias de terror com contos infantis (nenhuma novidade aí), quando, depois de puxar fila dia afora, ia ninar pupilos na hora de dormir, abrigo um ou outro sob as asas e grudado a seus pés. Nas manhãs, com o bom e velho Sol ainda de touca ou já se penteando para o novo batente – o mundo se espreguiçando – é que peripatético, exotérico, esotérico e quilométrico, todo proparoxítono ou quase, como disse outro pirralho dos nossos, ele mandava aos ares o canto altivo, que, acaso trêmulo ou aos solavancos, era por força das pausas obrigatórias quando orientava retardatários ou conferia se faltava alguém na turma. Mesmo que alegria, alimento e liberdade fossem artigos raros, saudável e bem-disposto guiava e controlava o grupo desde cedo, até ajudando a catar comida, selecionando o que de melhor houvesse para todos, incluídos conselhos e bravatas – respeitosos “sim senhor” de aprovação e reverência eram a versão atual e caseira do arcaico “magister dixit”.

Acontece que, na convivência diuturna, nem tudo eram aplausos. Com o chefe decidido a se empoleirar nos ombros fortes da ciência e filosofia, pirralhos folgados, que pareciam viver para comer e dormir, mais nada, no que talvez não estivessem errados, chegaram a chamá-lo de tudo de ruim, como papagaio de pirata, rótulo degradante a quem só merecia reconhecimento e respeito. Ora, a filosofia da perseguição pode desembocar na perseguição à filosofia – e era o caso. Como ciência e paciência têm rima e limites, e o tempo inexistente só, formando com o espaço unidade indivisível como bem sabiam as paredes e nem sempre os colegas ingratos, eu matava a quimera bicéfala, ou seja, tempo e espaço atrelados, mal digerindo noções estapafúrdias plagiadas de autores e astrofísicos ilustres. Assim, piadas da mais alta sensorial, ops, pitadas da mais alta sabedoria municiavam uma inteligência acima da média, ainda mais em situação periclitante, motivo a justificar digressões professorais enfeitadas ou enfeadas de silogismos, aforismos, sofismas, incongruências e do que mais desabasse sobre cabecinhas desarvoradas e sem ter como se safar – chefe é chefe.

Por artes do inimigo vivíamos cercados, e a imaginação desbragada era um dos escassos trunfos porque amparo naquele desterro. Desta parte, tendo por teto o céu azul, cinzento ou estrelado, sei lá, eu gastava o tempo voando a mil no tal foguete fantástico da imaginação, por hábito partindo célere para driblar perigos no futuro escuro, mesmo correndo sério risco de ser tragado por malvado sorvedouro do espaço. É, era o que ajudava a burlar o sofrimento onde nenhum buraco negro era mais perverso que o inimigo que nos encurralara. Nada espantoso, pois, que, apequ岸ando uma realidade já rasteira, eu partisse infinito afora em voojtos tontos sobre temas científicos, econômicos, políticos, filosóficos e afins – não me bastava encaixar o choque da miscelânea infantil incorporada ao terror. Caso é que, captando informações aqui e ali, invadia nada menos que a Grande Enciclopédia do Mundo, e, num círculo vicioso, o imaginário passava de aceso a incandescente, para de novo aterrissar nos acolhedores braços da ciência representada pela base,

ou seja, os mesmos ases da erudição, os mesmos pilotos das viagens empreendidas, céticos e demolidores que fossem. Vivíamos tontos de rodar.

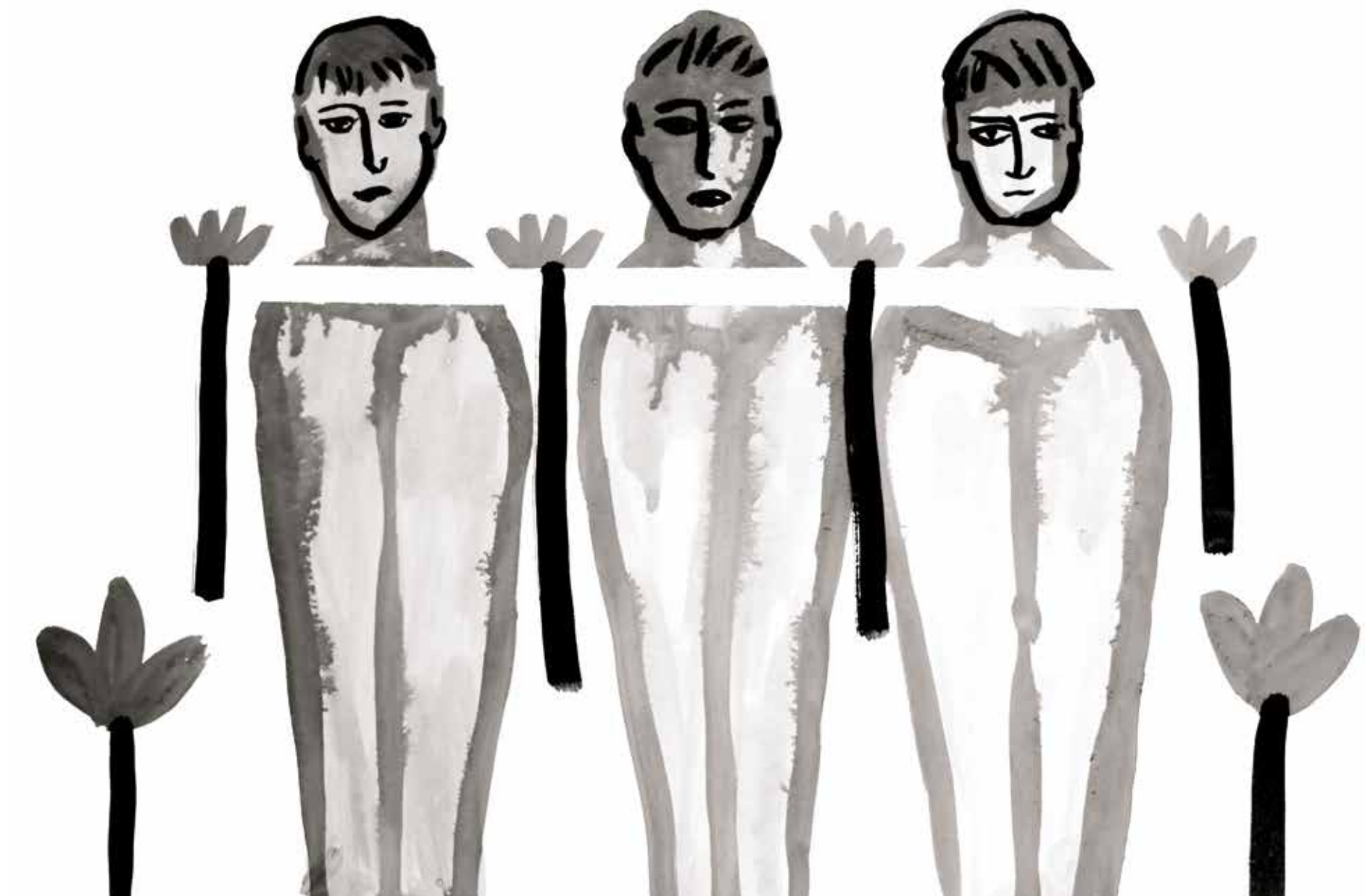
Assim, como a vida era puro jogo de emoções, a mergulhar em buracos negros preferível avançar mais fundo e especular logo sobre a origem e evolução do Universo, para chegar aonde todo mundo chega diante da precariedade: “Maior o conhecimento, maior a dor” ou “Só sei que nada sei”. Ora, para chegar a nada qualquer palpite serve, e, piando sobre tudo e mais que todos, eu era o palpíteiro-mor, embora escolha e exploração de assuntos obedecessem ao humor do chefe, que, gastando o seu latim, repetia não só que o homem era o lobo do homem, mas que o homem era o macaco que deu errado. E que Platão, tendo definido o homem como bípede sem penas, acendeu o humor de Diógenes, o Cínico, que depenou um frango e saiu mostrando para todo mundo o “homem” de Platão. Mais: a vida era mistério insondável a pinicar a paz do Pluriverso infinito, interessado na procriação das espécies e mais nada, indivíduos que se danassem, meros micróbios se entredevorando como se o palco do

mundo não passasse não só de rinha gigantesca como de antro de amor, já que o sexo então era tudo e o resto, acessórios. Altas conversas no dia a dia, só viagens alheias refeitas na angústia.

Arguto, muito do ladino no cacarejar verdades entre aspas, ou seja, as verdades dele, o chefe podia não só agredir mentes e ouvidos mais sensíveis como gerar protestos enérgicos, no mínimo esgares de menosprezo e justa mágoa. O tempo, além de inexistente, parecia insuficiente para tamanha especulação e palpites, pobre chefe, de repente nervoso e se enrolando todo para ensinar a quem não podia aprender – outro o mundo dele, de fato fora dos eixos, e ele afável para perguntas pertinentes. Ou inocentes:

– Então devo desconfiar até da mamãe?

– Epa, que você aí pegou pesado, garoto. Desculpe, mas confiável de todo ela não é. Nem sua mãe, nem ninguém sob o sol. Nada é o que parece e há que duvidar de tudo e de todos. Sempre. Aprenda a desconfiar das verdades, da ficção, amor perfeito, loterias, elogios, Papai Noel,







políticos e tudo mais. Vá, de exceção (atenção para o cê-cedilhado, com dois esses é excesso grande), vá a verdade aristotélica, isto: nada há no bestunto que não tenha passado pelos sentidos. Como os sentidos traem, as aparências enganam. Em suma, para os tomistas e no duro, para o povão, nem tudo o que reluz é ouro.

– E nem tudo o que balança cai – eu emendava em voz baixa, o olhar buliçoso sondando tanto o riso dos colegas mais sérios como o siso dos mais tapados (havia e não poucos), estes de normal puxando às mães, cada qual delas mais cabeça oca, hein? Ora, ora, se escapou, fazer quê? Tinha dito o que já se cochichava, e nem por isso haveria guerra entre nós. Uma frase, palavra infeliz ou ato falho, nada estorvaria a convivência pacífica onde era apontado e até invejado como cupincha do chefe, quer dizer, tremendo puxa-saco. Mas, como a ameaça real vinha de fora, o ambiente era também de medo.

Éramos amigos de fé, unidos por instinto e reunidos por precaução em defesa dos mais caros e lídimos ideais – diria ele, o valente, garboso chefe. É, talvez dissesse. Porque, garboso ou não, ele não diria mais nada. Não daria mais um pio, atado que fora pelos tornozelos antes canelas, traído e sofrendo horrores feito os mais graduados heróis revolucionários, louvados, aplaudidos no martírio – imitados nem tanto. Morria quem, apto às digressões de permeio a conselhos, metáforas, meneios mentais, truques e táticas de sobrevivência, insistia em que se desconfiasse da própria sombra, recitando exaltado o poema que tratava do sumiço dela em noite escura e, tendo ouvido de volta que quem fala demais dá bom-dia a cavalo, treplicou com o que ninguém teria coragem de repetir.

Por essas e outras, quando, em lenga-lenga à moda dessas avaliações periódicas mais para inquérito policial, deu de medir e nivelar, em público e por baixo, a inteligência e interesse da turminha, outro assanhado levantou perfumarias de ordem gramatical como a grave questão do hífen e do trema na língua, emendando que o acento diferencial extinto era o único de fato importante e prometendo levar na aula seguinte rodo, esponjas e toalhas – disse que para enxugar textos longos. Tirando a bobajada despejada por minuto no ambiente, descontando as ciladas de ordem linguística e pequenos acidentes de percurso, volta e meia outras chacinas ocorriam e isto, sim, era assunto sério. No mais a gente levava a vida e uns aos outros no bico, exercitando a penosa arte de conviver com engraçadinhos, sobressaltos e textos longos e alienados. Tudo junto misturado, como papagaiou o chefe já chafurdado no dizer debochado dos pirralhos, a coisa tinha de dar no que deu. Sim, o mundo era enorme rinha, e o chefe logo haveria de morrer.

Feito violinista de telhado nas alturas onde me acomodei, eu admirava a paisagem enquanto assistia à agonia daquele que se contorcia em espasmos decerto dolorosos, nada que herói garboso e valente não suportasse. E com galhardia, eh, eh. Ele ainda não jazia estatelado preste a nadar em sangue, mas a reviravolta aí era questão de tempo. Estava ali um quadro nada animador até para quem, como eu, pouco se dava ao inútil exercício da pieguice. Mas, brasileiro, não sou nenhuma geladeira nórdica, eita nós. Visão feiazinha aquela, mais para horrenda. Contundente. E comovente, vista de cima e a distância. Cena inalcançável, até para sorte minha, caramba. Incrível. Difícil crer que tamanha humilhação chegasse a tal ponto, com o futuro se escancarando mais nebuloso impossível a meus olhos atônitos, era a hora. Após sucessivas derrotas sucedia o pior, e o mau humor me esburacava mais as ideias, estancando o que sobrava dos bons propósitos. Adeus, batucada, adeus planos mirabolantes em horas de alegria atroz.

Alegria atroz? Claro, bom saber que se um ou outro amigo escapara da carnificina da vez, era por ora e só, já que não teria mais chance com o inimigo esperto. Raio de beleza bandida no aprazível matadouro ao ar livre, área solar – e sinistra. Espaço de matanças e arrependimentos, de abusos, soluços e lágrimas, de paradoxos e oximoros – aqui, preciosismos colhidos na lavra culta do chefe, claro. Ora, oximoros. Encarapitado lá onde a coruja dorme, redigamos, você desceria do confortável observatório para sair catando significado de palavrões? Nem eu. Muito menos sairia para especular de como se sente um chefe culto em hora de agonia galopante – só dói quando

respiro, eu ouviria de novo, ao vivo e em cores. Mas, por favor, nada de piadas tronchas e, pior, machistas, do tipo “Trago a sua sogra de volta”. O momento não admitia, não permitia que se promettesse nada – não era tempo de eleições e tudo tem sua hora. Aliás, no balanço ou dança das horas mais para montanha-russa, cenas brabas continuavam se sucedendo até como aviso do alto de que tudo iria piorar – coisa de horóscopo nenhum ousar prever por escrito. Nem nós, nos detalhes, que é onde mora o perigo, porque tudo aí é possível, inclusive nada. Atrelando penas e dores, em bando é que nos protegíamos uns aos outros e uns dos outros, não fosse nosso lema “um por todos, todos por um” como no velho pacto dos caquéticos mosqueteiros. Ora, se o leão faz a força, aí quase repeteco de ideia emprestada, falhamos feio na defesa onde o ataque nunca existiu. Porque, no que os algozes invadiram a área, era só pena que voava, era herói espirrado para todo lado, cada qual por si – epa, excelente dica para o lema dos poltrões. No que o pau comeu, cada qual tomou rumo e, aí, babau. Se o chefe se estrepava só, azar dele. Desta parte, tratei de me mandar como a prudência ou covardia exigia, como? Feito raio. Sem pausas nem vírgula. Saltitando galho em galho em voo dito de galinha vim galgando alturas até alcançar os cumes do telhado onde me empoleirei molenga. Mas vivo, acho que sim.

Eis, peito aberto, outro covarde vivo, um tanto atordoado e quase constrangido pela escapada ridícula, para lá de ridícula, mas. Era a opção óbvia, havia outra saída? Não mesmo. Daí ter rompido com princípios em legítima defesa, juro. Nas circunstâncias, melhor bater asas e voar. Sem olhar para trás, como na esquisita passagem bíblica, tendo o sal por testemunha. Escapando de fininho, evitei ser torturado como fariam com o chefe. É, eles o matariam e, de longe, eu considerava a efemeridade da existência, a banalidade do mal e a quádrupla raiz do princípio da razão suficiente – temas de papo doido num dia em que, dando mais uma de filósofo obscuro, o chefe estava era com a cachorra e a gente sem saber o que ele de novo andou cheirando.

Dos cumes do telhado remoo a humilhação e vergonha de existir, numa enfiada de uns vinte pensamentos sinistros e uma conclusão desesperada: não tem jeito, de nada vale escolher aquela esquina em vez desta, porque, tem hora, nada resolve nada: tempo de terror é isto e acabou-se. Se a gente não se cuida, vira pasta informe, se esmigalha e derrete, vira sopa, vira canja – os donos da bola não perdoam e que mais? Maltratam, tripudiam, arrebetam. Dispensando acordos e, ao contrário de conhecidos, gente fina nas eleições, eles parecem abominar as mazes do povo sofredor. Pobre chefe.

Ainda trêmulo de susto, diviso a paisagem lá embaixo – ia dizendo – e que se estende para além da cerca, para além das moitas, o mato fechado até onde a vista alcança: um cercado, nosso território, o descampado onde cresci. Lá, trechos de trilhas percorridas pelos irmãos e meu pai, um que caiu no mundo, deixando mal falada e deprimida senhora chocada com os azares da sorte, mas ensinando a me cuidar só – pé de galinha não mata pinto. Lá os uivos das raposas famintas, o chiado e o fedor de gambás bêbados, os gritos guturais das corujas histéricas e do que mais gritasse ou piasse aflito. Ou zurrasse, latisse, berrasse, miasse, o

bicho que desse onde coaxaram cururus, grugulejaram perus, tatuzaram tatus, quaquarejaram patos e ratos ratearam propinas nas rapinas – ali outrora retumbaram hinos, eh, eh – já nem sei mais que bicho obrava, e que língua falava, e que poema recitava ou que mais inventava a bicharada azucrinando, assinando ponto no pouso promíscuo, aquela confusão toda na Granja de Maria Juana, com direito a dores, amores e flores, tiros, suspiros, serenatas e porradas – ô, saudade da infância querida, da aurora da minha vida, eh, eh. Onde para entrar na casa materna tinha de passar por todas as outras. Onde aprendi que pior que viver só é conviver com eles, vilões que só vêm arrumar encrencas, decepar cabeças e solapar o melhor de nós para o prazer deles, bichos inviáveis, câncer do mundo. Tento me resguardar, aceso ao que informam o chefe, os vários instrumentos de busca e o que enfim acontece aqui, onde correram e ainda correm histórias tenebrosas.

Naquele canto lá, vai se acocorar na marra o intrépido líder, vulto desde já memorável como os heróis dos compêndios escolares dos tempos em que havia escolas. Tendo entregue o ouro a Vercingetorix, admirá a posição em que Napoleão perdeu a guerra, redigamos, enquanto na sarjeta aguarda o sacrifício cruento feito salsicha de Bismarck, jornal decadente ou leis de perdedores. Feito berro nulo do comandante (a) de plantão, sei lá quem – mal entendo de forças desarmadas – gongórico e anacrônico, para salvá-lo, ao chefe, hei de buscar recursos onde houver – avante, camarada. Mas, que pena, tudo será inútil e ele continua diante do pelotão de fuzilamento, perdidas as revoluções. Todas. Está lá o corpo estendido pedindo marcha-fúnebre, protagonizando crônica de descarte anunciado onde a opressão é pão de cada dia. Onde, se há paraíso, ele não estará aqui onde só a dor é positiva – a bênção, Schopenhauer, velho caneco de chope e pessimismo –, mas alhures, para gozo dos poucos privilegiados, restando aos miseráveis desesperançados pagar as penas nos quintos dos infernos, mentira? Não tem mais jeito, olhe o que aprontaram com meu chefe.

Não, não sou nem estou feliz, claro que não. Indignado, em pânico, penso. E insisto: o remorso me dói fundo, a consciência, animal extinto, volta a cutucar, sei que vou passar a vida me justificando: fugi da raia e não à toa me encarapitei nesta cumeeira onde assisto à morte do chefe – olhe no que deu a coragem. Pensar que houve um tempo em que, se abrindo todo feito pavão nada misterioso, ele desfilava com dúzias de namoradas, noivas, esposas, sei lá, de todo jeito galinhando, como se diz na boemia mais escrota, hein? É, nesse ponto não era flor de se cheirar: possuía um harém, um harém, nada menos – o que não é da minha conta, embora digam ser o malfeito da conta de todo mundo, mas malfeito onde? Um rei famoso e sábio, em toda a sua glória não usufruiu de sessenta rainhas, oitenta concubinas e virgens inumeráveis? Sem miséria, aleluia, vai ver até ocultou mais brinquedos no armário. Também por isso o chefe não era gente deste mundo, vai ver nem sofreu as dores do primeiro amor. E onde o malfeito no incontido anseio de pular a cerca, hábito corriqueiro nas melhores famílias? Então.

Lá o conquistador barato, aliás nato, o irresistível cantor, sedutor das multidões. Lá o Casanova redivivo, mas demolido ou semimorto, outrora

bom de bico, rei do terreiro, imenso herói – disse herói, não santo. Ninguém é santo, muito menos eles, os desgraçados fiscais da ordem enquanto a ordem lhes é favorável. Nada a esperar dessa raça arrogante, afetada, metida a besta e que, até por tendência genética, passará usos e costumes aos pósteros dos pósteros, isto até ao fim do mundo. Triturados de geração em geração, como sempre sobrar para nós, que só reclamamos o sagrado direito à sobrevivência, e falo pelo grupo. Conheço a rapaziada, minha turma. Conformados, nunca fomos de tecer planos de vida longa, claro. Falando só por mim e repassando um pouco mais do currículo básico, tenho a acrescentar que, ainda pimpolho, já me podavam a liberdade e, por mais que tente soluções, sei que a coisa neste aspecto nunca será resolvida. Assim, só posso esperar o pior, ignorando o que aprontei de errado desde que troquei as origens modestas por este miserável campo de concentração. Triste fim de um ser fecundo com cara de quaresma.

Não nasci adivinho, não sou de enxergar longe nem blefo feito um Nostradamus, mas acredito antever por fresta o destino: terei a sina do chefe – não o do harém, é claro, que sou mais modesto, tapado nem tanto. Ignoro como saltar fora, mas sei que com meu sacrifício terei de contribuir para o prazer e farra dos perseguidores em sua sã selva. Está bem, entrego os pontos, mas que fique claro: não sou cúmplice de nada, traidor muito menos, procurei salvar a pele e só. Caso escape na próxima investida, darei um jeito de prosseguir na batalha em prol das leis ignoradas, da justiça vilipendiada, da ética escangalhada. Descartaram a sensatez, foi-se o bom-senso, ninguém respeita mais nada, a irresponsabilidade campeia solta, os escrúpulos desapareceram, a corrupção é prato do dia. Pronto para o fim de festa, diante dos escombros dessa civilização malsucedida terei de desmoronar junto às vítimas da catástrofe, hecatombe, apocalipse – como talvez dissesse o chefe estropiando três coelhos numa só estocada, digamos.

Ora, hecatombe, apocalipse – nada aqui de alarmismo, apenas carnificina. Com isso só homenageio o grande chefe, quer dizer, plagio descarado o líder no palavreado escatológico de quando, agrupados como sempre, vasculhávamos pormenores de ataques recentes e discutíamos ardis – como se houvesse amanhã, digamos. E numa reunião foi que se concluiu como novidade: na vida é cada um com sua sina, cada qual levando sua cruz – o que repetiríamos ad nauseam – outra expressão do chefe, claro, que garantia, soprado talvez por fantasma de general da fé ou pelos anjos do céu: o fim está próximo.

Quer dizer, previu o próprio fim quem em pouco cairia nas garras do

Pois não é que, velhaco
como aquele mágico
de fama especialista
em abrir cadeados,
ferrolhos, alarmes,
ou no rastejar em
espaços exíguos, ele,
se esgueirando no
breu entre os demais
supliciados nessa
revoada e fungando
brecha no interior
escurão do engradado,
não é que logrou
escapar mais que ileso
para a luz?

inimigo, ele, afinadíssimo, empolgado cantor das madrugadas, anunciando a vitória da luz sobre as trevas, líder incomparável e garganta de ouro do arrebol, homenageado na poesia, nos esportes, lembrado no Natal, ele, o heráldico chefe agora agonizante – morto. Por tudo isso, nestas horas é que dá vontade de morrer. Patético. Sei que sem perigo a vida não vale a pena e perde a graça, como garantem os arrojados, os que jamais se prostrarão ante a malvadeza dos carrascos com seus cardápios de maldades. Mas quem nasceu para ciscar não tinha nada de querer voar na imensidão. Nem sonhando.

Era uma noite tempestuosa e fria – como começariam Snoopy e uns depoentes fajutos, talentos de tela e meia como nas redes sociais (não, não é a ti, flor do céu, que me refiro). Missão cumprida, o sol já se depunha detrás do morro (astro-rei, a velha) e, mais uma vez, a gente não dormiria em paz. Colados uns aos outros numa espécie de poleiro com aperto de ônibus suburbano (“Passim pra trás, faxavor”), ouvindo zumbidos, latidos bestas e roncos fundos de perto e ao longe, aguentávamos assombrados a preleção final noutra dia de dura sobrevivência. Ninando seus meninos desprotegidos e à moda da casa, o chefe, para variar, narrava inocentes contos de terror e terríveis histórias infantis. Nós, sem família, sem o aconchego das mães perseguidas e mortas (“Nunca mais vou ter mulher com moela”), ouvíamos as mesmíssimas lamentações e passagens de velha autobiografia

– parecia até gravação, cruces. De como, encurralado, o transportaram, faminto e mal acomodado, num caixote feito jaula, armadilha ou suplício parecido. Pois não é que, velhaco como aquele mágico de fama especialista em abrir cadeados, ferrolhos, alarmes, ou no rastejar em espaços exíguos, ele, se esgueirando no breu entre os demais supliciados nessa revoada e fungando brecha no interior escurão do engradado, não é que logrou escapar mais que ileso para a luz? Isto, logrou e se salvou para contar vantagens, ufa, que alívio. Para ele e para nós, ouvintes. Mais uma vez ele via a luz no fim do túnel – vitória pirrônica de quem, com mais hora de prisão que urubu de voo – palavras dele –, prosseguia como espelho, exemplo maior de coragem e que, entendido de logística e massacres, se safava engenhoso para continuar orientando os pupilos, com esperteza, paciência e sabedoria. Se os vilões detinham as manhas, ele escapava ileso. Insistiam, os malvados – ou a história teria terminado aí. Mas faltava matarem o chefe.

Ameaçavam pelo prazer de torturar, pelo gosto de zoar, de deparar, de matar, trucidar, de moer, arrebeitar. De decapitar, esquartejar e sapear corpos inertes antes mesmo que esfriassem. Surgiam matreiros,

dissimulados – pisando em ovos, expressão de quando se forçava graça inexistente em piadas velhas e insossas. Nós os esperávamos sempre alertas como os escoteiros, sabendo que o que para eles era diversão era para nós terror. Pior que o inimigo se esmerava no exercitar a arte de aumentar o extenso cardápio de ultrajes, promovendo mais banquetes ditos lautos após se divertir em engraçadas sessões de tortura, coisa de se deliciar gargalhando. Só pensavam em comer, comer, comer – a cambada de cínicos, a súcia de sádicos gulosos.

Era a vida disparando e a gente se defendendo, reagindo como podia, como dava, como a sorte era servida, mas como? Vivendo na moita, encolhidos nos esconderijos, morrendo e aprendendo com quem só nos passava lições de bravura – o chefe, claro. Acontece que, nos últimos tempos e no que repassava trechos da autobiografia autorizada (!), percebíamos nele um quê de nervosismo que o denunciava sem escapatória. Enquanto falava, grave, circunspecto, de sua experiência e planos, de repente se descontrolando, em tremeliques de bêbado, nervos em pandarecos como talvez ainda se diga, passava a esgaravatar o chão pedregoso, áspero, irregular feito sua caminhada de agitado enredo.

– Sobrevivi nem sei como. Fiquei velho e não vou reclamar do destino, mas... – começou reticente, titubeando nas certezas. – Acho que dei foi sorte na vida.

– Sorte nada, chefe. Toda a vida você foi osso duro de roer.

De fato, ainda exibía musculatura firme, a carne rija dos fortes, a imponente, desafiadora postura dos valentes e que invejosos garantiam ser hormônio. Bombado ou não, ele sempre deu sorte. Claro, não era tão novo e nós, bajuladores mirins abrindo o bico para palpites disparatados. Daí que diálogos diários, que serviam de consolo e aviso, podiam descambar para pensamentos macabros. Pior quando, mais que os amigos juntos, eu contribuía com ideias estapafúrdias – mas que experiência podia ter? Assim, de normal, perguntas e respostas partiam de mim, o menorzinho, um fedelho, um galetto, pinto, pirralho ignorante do momento certo de calar o bico, de lacrar, de trancar a boca. Mais uma vez, talvez para empolgar, encheu o peito e me agradeceu (lhe saindo, enfim, o único advérbio em mente): imensamente. É, viver não era nada fácil, ainda mais sabendo que alhures se furtavam marmittas de quem levava comida para casa. E onde os opressores só concediam ligeiras pausas para engordar meios de tomar posição para novo ataque, para tramar, alimentando com folga ebrifestiva o jargão discriminatório no palavreado esnobe, como que insuficiente na rotina de festas e exibição de poder – peculiaridades embutidas na maldade engatilhada. De nossa parte, gafanhotos esperando o pior, ouvíamos lições inesquecíveis do guru bizarro. Ora, se havia apreensões, viver era a maior delas. Mal

É, viver não era nada
fácil, ainda mais
sabendo que se furtavam
marmittas de quem levava
comida para casa. E
onde os opressores
só concediam ligeiras
pausas para engordar
meios de tomar posição
para novo ataque, para
tramar, alimentando
com folga ebrifestiva o
jargão discriminatório
no palavreado esnobe

saídos da casca, nos restava ouvir, nos abstendo de palpitar discutindo picuinhas, mas alertas sempre, prontos a obedecer ao líder, avis rara – não seríamos alunos insubordinados. Lembro de reunião antes que acontecesse o que aconteceu:

– Se é essa a situação, vamos à luta – peremptório decretou o chefe. – Tudo pela causa. São cruéis e surgem quando menos se espera. Se me dão tempo e me permitem o trocadilho idiota, promovem a farra e iremos à forra. Ora, como sempre, a defesa é o melhor ataque. E não quero covardes comigo.

– Porque aí a gente se ferra. Mas aqui não há covardes, chefe – eu disse.

Talvez para evitar de remelar ainda mais o chão, em recipiente junto ao morto recolheriam, conservadores e por tradição misturando no vinagre, o sangue espesso. Então o criminoso, vestindo avental branco respingado de vermelho púrpura, portaria lampeiro a arma assassina para, logo em seguida, sapear o corpo da vítima já desrespeitado porque nu. Um corvo pavoroso, pousando crocitante por perto, viria coroar a cena: nunca mais. Medroso, eu imaginava o cenário, eu, o pulha, pirralho fingido que, exibindo falsa coragem, alardeava ter comovido o chefe numa sessão de conselhos e bravatas. Pois agora que ele jazia espichado e semimorto, a vida me baixava mais a crista, me fazendo reconhecer que rebotalho eu era. É, não passava mesmo de reles pirralho, bichinho à toa de voo baixo, galinho de briga sem rinha, jovem inconsequente e palpiteiro que interferia nas conversas sem ter provado bulhufas na prática. Pensar que o glorioso chefe fora imensamente grato por falso elogio me deixava mal. E não é que ele, líder nato, falou de inteligência precoce? Pois tudo se acabava. Embalado em cismas, eu recordava os longos papos, os melhores trechos desta vida de herói, herói distante do calor da guerra.

– Não temos covardes conosco, chefe – disse de novo.

– Não, não temos, ainda bem. Porque o inimigo, se vier, terá o troco. Na hora. Nenhum deles presta para nada. Então, fiquemos assim: jamais comam na mão dos outros, vocês não precisam disso, e é proveito perigoso. Enxotem os urubus. Não deem canja a covardes, nunca, jamais. Lutem de armas afiadas e nunca se entreguem, não retrocedam. A ordem é voar no pescoço e resolver a parada. Vocês, jovens, saberão agir com bravura.

– A vida não vale nada, mas estamos aí pro que der e vier – se adiantou um dos nossos, exibindo o peito magro de Sansão pós-cabeleireiro ou febre amarela.

– Eh, contenha-se, controle essa valentia, garoto. Você ainda não viu nada. Velhos camaradas caíram. E saiba: há um dia na semana que é pior que todos.

– Domingo?

– Claro, domingo é batata. É quando a corda arrebenta, meu jovem. De que lado, dá para adivinhar? Aos domingos têm tempo sobrando e se divertem, como? Matando. Podia ser dia de trégua, não é. Eles vêm com tudo, os esconderijos são vasculhados e.

– Pra morrer basta estar vivo. E nossas armas de nada valem.

– Não. São bem informados.

– Mas por quem? Será que temos um traidor conosco, chefe? – se preocupou um de nós, expressão fisionômica oscilando da desconfiança ao ódio.

– Impossível não é. É até histórico. Mas espero que não. Seria muita deslealdade. Com sinceridade, não creio. Traidores e burros desmerecem o milho que comem.

– Além de tudo carecemos de confiança mútua.

– Isso, rapaz. Mas, chegassem agora, faríamos o quê?

– Assim de repente? Difícil saber. Não é uma situação real.

– Você tem cabeça, menino. Mas amigo, tem hora, é coisa pra se guardar debaixo de sete palmos. Também por isso se diz que cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém. Pois se amigo é isso (tem hora), imagine o inimigo arrastando com ele a foice da maldita. E sem pré-aviso. O inimigo não avisa, e ninguém sabe quando.

– Quem sabe faz a hora. E eles sabem. Detêm o poder, abusam dele. Será que não dá para reclamar oficialmente? Não haverá quem nos proteja do arbítrio?

– Não. O inimigo nunca abre mão da maldade. Primeiro, tortura. Depois mata.

Pensar que o chefe era grato pela força que lhe dávamos. A falsidade me doía fundo, aqui bem no fundo do peito, e para tamanha deslealdade eu não via escapatória: capturado, ele retremia semimorto, e



eu assistindo de camarote, que vexame para com ele, bravo líder que, já nos descontos, quer dizer, preste a mergulhar no próprio sangue, havia pouco nos lembrava as cenas mais pavorosas de sua vida. Como na vez em que vieram uns estranhos para o agarrar. Se desvencilhando da marcação, digamos, disparou célere, escapando por providencial furo de cerca que alguém esqueceu de fechar. Mais um gol dele, que de novo escapava em lance emocionante. Nem por isso: cenas de sangue continuaram corriqueiras. E, como estávamos reunidos, fizéssimos outra reunião:

– Se não dá pra vencer, melhor aderir ao inimigo – palpitei, pálido e trêmulo, cacarejando meu medo.

– Não fazem acordo, já disse. São indignos de confiança, são cruéis. Psicopatas não têm sentimentos. Você iria crescer sadio, gordo, assistido. Depois, zás – e o chefe fez o gesto de quem decepa um pescoço, crescendo olhar maroto em cada um de nós.

– Então seria alimentado? – eu me interessei, e falava por mim o suplício da fome.

– Eles o pegariam, garoto, não duvide. E aí você veria a vovó pela greta. Não merecem um pingão de confiança, é da historiografia oficial. Contasse o que sei, com vagar e sem medo de censura, sentiriam o drama. Eles não merecem consideração e acabou-se.

Morríamos numa miséria de dar dó, aí a síntese de nossas vidas, fórmula zoológica talvez, com o chefe, e só ele, sendo tratado e maltratado como legítima avis rara. Nós, não. Ética, direitos de cidadania e tais romantismos passavam longe, nada disso era para nosso bico e, no caso, teriam engolido frango, como diriam. Desarmados, degradados, famintos, chegamos a viver de sobras, restos atirados a esmo pelos perseguidores ou alimentadores de lixo, dos que sempre há, caridosos para com quem, coberto de dores e penas, parece acumular todo o mal desta vida. Bebíamos de fios d'água em reservatórios infectos. Nossos trajes eram iguais, fizesse frio ou batesse sol para jovens sem futuro em território minado onde o chefe, o garboso, galante e marcial líder, nos orientava a custo, mesmo vigiado nos mínimos passos. Então prometíamos:

– Jamais o trairemos, chefe.

– Ouvi alhures, fedelho, sobram histórias de traição. Tudo parecia fácil, mas depois deu no que deu. Pois quem quiser que parta. Eu fico, disse ad nauseam. Vigiado, cercado, importunado, fico.

E ficou, não alhures, mas conosco. Acho que foi seu glorioso dia, o Dia do Fico dele. Ficava para prosseguir transmitindo muito do que sabia, ficava para nos apoiar. Precisávamos daquela companhia. Em esconderijo próximo, parentes e amigos tinham sido dizimados sem pena. Com costumeira crueldade, após torturar em paus de arara, massacraram os mais

Menos arisco, estaria frito, cozido, assado, desfiado. Podia ter sido triturado, mutilado, teria virado pasta, ah, ah, podia ter virado recheio de pastel, empada ou coisas assim. Para seu governo, entrei em salas de torturas e presenciei cenas bárbaras: amigos de cabeça para baixo, é, de ponta-cabeça, argh, aguardando o resto

velhos à faca e os sapecaram em pedaços no fogo, sob os olhares dos menores que se encolhiam, os membros imobilizados pelo terror, o terror, sempre o terror. Só não ouviriam, argh: “Quem nunca morreu está morrendo”, enorme alívio. Mas, em breve seria nossa vez, como não, se caíra o imponente herói, o sortudo chefe?

Desabara. Ele que vistoso, brilhante, até então tinha escapado vivo, ele que gordote, pesadão, já andava a custo. Talvez tenhamos falado em demasia nas manhãs de elogios e planos após as vigílias intranquilas dos que perderam o sono e os rumos. E quando o dia dele chegou, o chefe valente, vistoso e tudo mais, não teve como reagir. Quando precisou, nenhum amigo o amparou. Ninguém. Éramos mesmo um bando de pusilânimes, reles galeto sem caráter, pirralhos de nada reunidos em terreno baldio e que, visados, inquietos, buscávamos os cantos ermos, enquanto o líder nos orientava, didático, apontando as manhas dos perseguidores, nos passando táticas, dando exemplos. Já acordava clarinando feliz, até ocultando as próprias e ocultas mágoas para animar vidas amargas. Ora, lições de otimismo, como? Por informações fragmentadas, soubemos que, em episódio recente e de arrepiar, apanharam alguns dos

nossos, até poucos para quem matava em massa. Outro domingo miserável, quando cabeças rolaram e o sangue jorrou farto. O inimigo, que não respeitava os vivos, não respeitaria os mortos. E vice-versa.

– Aperfeiçoam os instrumentos de tortura, os apetrechos do crime, o aparato da morte – o chefe como que salmodiava grave, como se murmurasse algum mantra, e dessa vez o estranhamos. – Tivesse os meios, talvez me matasse. É o terror, rapazes.

– Disse que cometeria suicídio, chefe?

– Tudo pela causa. Desculpem, melhor que ser torturado.

– Calma, com calma o senhor chega lá. Sabemos que tem escapado por milagre.

– Vivência e milagre. Só milagre explicaria minha sobrevivência.

– Quantas vezes foi capturado, chefe?

– Ora, ora, não contei? Não uma, nem duas vezes. Várias. Fui poupado, decerto pela aspereza com que os enfrentava, ou então para poupar seus dentes, com que trucidam as carnes. Menos arisco, estaria frito, cozido, assado, desfiado. Podia ter sido triturado, mutilado, teria virado pasta, ah, ah, podia ter virado recheio de pastel, empada ou coisas assim. Para seu governo, entrei em salas de torturas e presenciei cenas bárbaras: amigos de cabeça para baixo, é, de ponta-cabeça, argh, aguardando o resto. Penduram e depois se servem. Já disse, careca de dizer: estocam aparelhos de tortura, instrumentos exóticos e afiados, aplicam choques, enforcam, afogam, fritam, matam. Eles matam, sabiam?

– Sem chance de defesa?

– Nenhuma. Mas estou aqui, não estou? Sobrevivi e não vou reclamar da sorte.

– Sorte nada, chefe. Toda a vida você foi osso duro de roer.

Ainda trêmulo, pernas bambas de correr, eu encontrava tempo para filosofice – dizem que, pouco antes de morrer, como num filme a gente rastreia a trajetória pregressa, ou seja, percorre a folha corrida do tempo revivendo facetas da vida, a vida que não brinca em serviço e dói. Ela aí vai fundo, vai dentro da alma e, quando quer, reduz cada um ao pulha que é. E ela sempre quer. Mas a única verdade desta vida é que ninguém vai morrer, ninguém vai saber que morreu. A não ser que. Recém-saído da casca e esperança maior do chefe, me encolhia mais, não só eu. E, no que o inimigo surgiu do nada para desabar sobre nós foi que se deu a debandada. O desvario dos fujões era a evidência atirada nas nossas fuças: imprudente, o chefe confiara num bando de pusilânimes. Porque ninguém disse nada, ninguém deu um pio no que o agarraram. Correram, correremos.

– Verdade que matam sem julgamento, chefe?

– Julgamento? Santa inocência, meu rapaz. Se regalam no torturar, são sádicos, decore de uma vez por todas. Muitos dos nossos amigos, amigas, parentes, acabaram aos pedaços. Os cães comeram os ossos. Nem sepultura tiveram.

– Separados não teríamos maiores chances?

– Pegariam um a um. Também no nosso caso a união faz a força.

– Força, que força? Ninguém se move nas chacinhas.

– Ninguém. Mas também o inimigo não manda aviso.

Nem flores. Na prática, as mais sábias lições são ignoradas. Desta parte, esqueci as noções, coisas básicas. Ao menos para o chefe era preciso lutar sem descanso, por mais que nos abatesse o desânimo. É que a opressão é vil. Quando o oprimido não se rende, o opressor treme nas bases. Não era o caso: o inimigo agia como bem entendia. Ninguém se opunha com fé, ninguém falava grosso nem combinou com os russos, aí de quem piasse, aí de quem abrisse o bico. Ah, as firmes resoluções naquelas noites quando se dizia que a união faz a força e reforçávamos propósitos: não seríamos poltrões. Mas treino é treino, jogo é jogo – também dissera o chefe. Até que, do nonada à travessia, aconteceu.

– Chefe?

– Que foi?

– Ruído suspeito, passos – se alvoroçou a turma, os olhos arregalados, todos.

– Onde estivermos, lá estarão. Ei, você disse ruído, passos, será que...

– o chefe escorregou nas reticências, patinhou, dançou.

O inimigo covarde, atacando de tocaia e na gana de agarrar a presa, escolheu o chefe para vítima dessa vez. Nós, os discípulos, nos encolhemos espantados, inertes, olhos muito abertos, os membros imobilizados pelo terror. Derrapando no musgo espalhado pelo chão do cercado, nós, em debandada e ofegantes rumo às moitas densas, parecíamos centopeias de correr trôpego. Em correria maluca, cada qual por si, tropicávamos em plantinhas tenras e inofensivas, metíamos os pés em buracos

rasos, caíamos de cabeça na terra, rolávamos feito fruta podre despenhada do galho – aí o verdadeiro desatino da rapaziada. Da infâmia ao grotesco era um passo, nosso passo curto, descontrolado. Foi quando confirmei o quanto engordara o chefe, que capengava se arrastando a custo, até rolar feio ao meu lado. Caía em si.

Droga de vida, com certeza o chefe seria morto – e foi. Ele, o grande, marcial, empertigado, amado e armado chefe. Ele que já ao despertar ia sondando o horizonte para despachar o canto rouco ou o mais claro nos rumos do sol nascente. Agora tudo acontecia e ele jazia inerte, prestes a nadar em sangue, que coisa. Caía nas garras do inimigo perverso, e aí não dava mais jeito: eram os estertores de existência atropelada, o adeus às armas, o fim da picada, digamos. Do alto do telhado pude ainda imaginar gritaria surda e histérica de lenga-lenga besta. Lambança anunciada, al-gazarra surda de oximoros e outros bichos, vislumbrados ao longe e que me prostraram ainda mais, eu já tão revoltado quanto perplexo numa história para ser recontada: salvo intromissão de inevitável spoiler, não haverá quem a ouça sem voltar ao seu início, quem sabe para confirmar até que ponto se pode confiar inclusive nos autores, se é que, e onde foi mesmo que a proposta de bomba atômica virou traque ou a montanha começou a parir o rato:

– Na falta de galinha gorda, vai o galo velho pra panela, cocoricó. Vixe, olhai as esporas afiadas dele, nuh, esse era dos mais brabos. Era. Mas lhe baixei a crista, eh, eh, vai que escape para fazer dupla com aquele pinto seu amigo, eu não ia aguentar a cantoria dos dois. Mas galo velho também dá molho-pardo gostoso, e o frango não foge da panela, já ando de olho naquele outro, está na fila o frangote posudo – disparou a do avental, figuraça bizarra e prolixa feito metralhadora sem termo, perita nas artes da cozinha e que, blá blá blá, fé brega, faca afiada, torcendo e decepando o multicolorido pescoço de brilho metálico feito a lâmina que portava, estufava o peito, também mandando aos ares seu canto triunfal, ode nada cristalina antes rajada convidativa ao prazeroso mundo dos glutões, paraíso mais sujo que pau de galinheiro, como disse, antes de juntar na vasilha ad hoc – como ninguém mais haveria de dizer – restos do garboso, valente, glorioso, poderoso, inesquecível, adjetivado chefe.

ANTÔNIO CÉSAR DRUMMOND AMORIM

mineiro de Bocaiuva, é contista e romancista. Detentor de vários prêmios em âmbito nacional, publicou *Balé de Sombras*, *De Milena*, *circo e sonhos*, *História de um primeiro amor*, *Beto*, *o analfabeto* e *Xixi na cama*, entre outros livros. Mora em Belo Horizonte.

TAMBÉM ESTIVEMOS EM POMPEIA

Também estivemos em Pompeia
O sol açoitava as pedras
sonhando repetir a lava

Também estivemos em Pompeia
Respirando a poeira do tempo

O Vesúvio era apenas
inofensivo amontado de rochas distantes
ou uma boa ideia para um nome de gato

Também estivemos em Pompeia

Se eu estiver em fuga
se uma língua de vulcão extrair de meus ossos
minhas carnes
eu vos rogo
jamais preencham minha carcaça
com gesso
ou com outras substâncias moldáveis

Jamais, vos suplico
aprisionem meu medo
num rosto apavorado de estátua.

**NO FUNDO DO TUBO DE MINHA
SOLIDÃO DE METAL**

Minha solidão é um caleidoscópio
A cada movimento
uma lasca de vidro
Manchada de tinta
se enlaça a outra
De variada cor

No fundo do tubo
De minha solidão de metal
Há profundidades de bosques
Há o vento de outono
soprando
os
fios de ouro dos cabelos

Há a curva
Onde te perdi

No caleidoscópio de minha solidão
No fundo do tubo
De minha solidão de metal
&
De cacos de vidros coloridos
Entre réplicas de tua imagem
&
Barulho de chuva
As cores gritam teu nome
sobre a desbotada mesa de trabalho

RUA DA BAHIA, 1.149

As sombras insistem
em dançar sobre a mesa antiga de
carvalho
Dentro de meu castigo feliz
encastelada

Jogarei minhas tranças
se lhe apetecer
O vento de inverno
lambe minha nuca
eriça meus pelos

O vento me diz não morra jovem
O vento me diz seja insolente

Só o vento conhece minha tristeza.
Jogarei minhas tranças
ao anoitecer

Imensa janela
Vitrais Belgas dos anos 20
emolduram
especialmente para meus olhos
um trecho conhecido da cidade
(Rei Alberto, pobrezinho, não andou de
elevador)

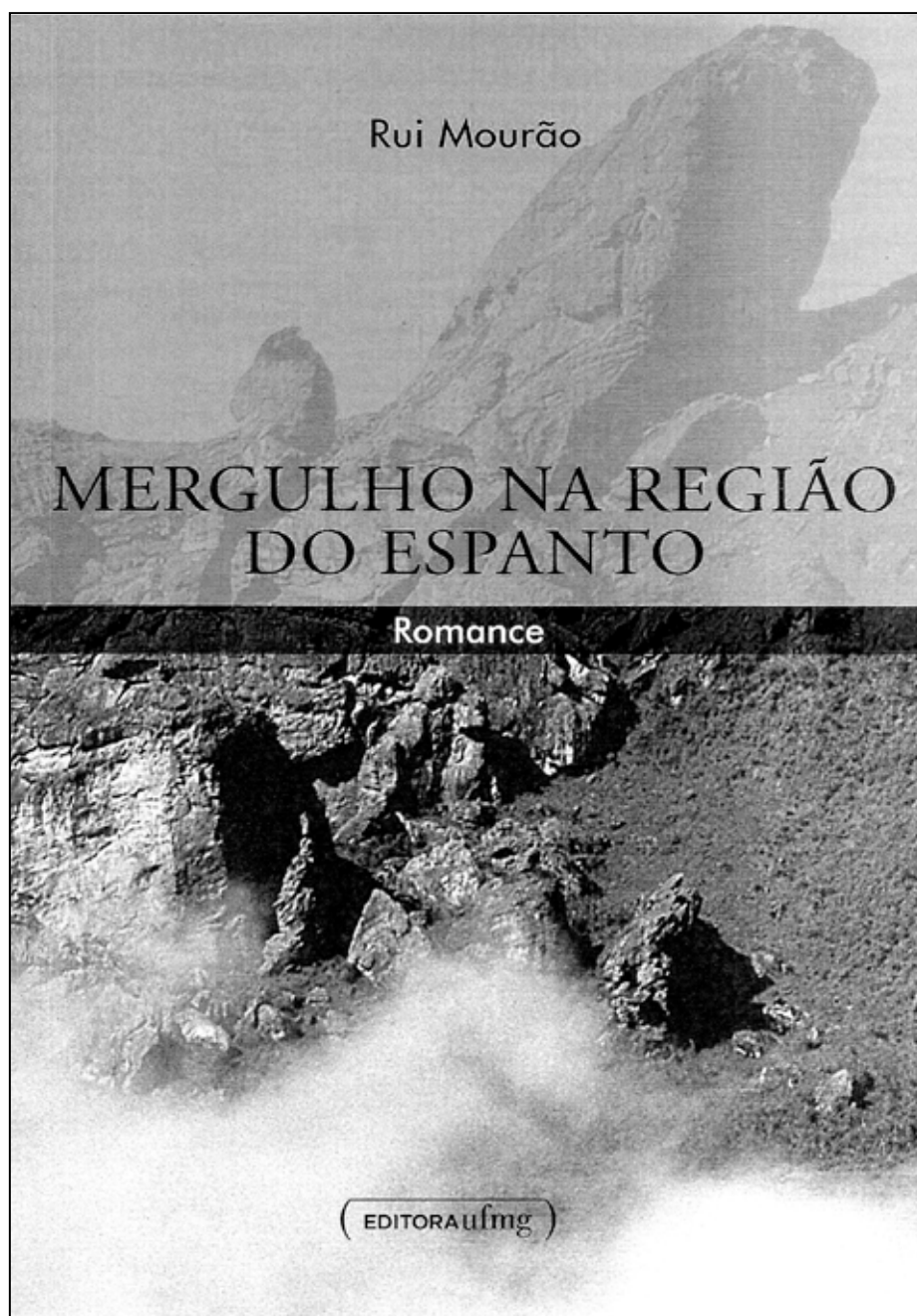
Para quem vê de fora
dos andares mais altos
dos prédios da frente
a emoldurada sou eu

mulher de óculos
no fundo da biblioteca
cumprindo seu castigo feliz
e decifrando as sombras
que o vento desenha
e inquieta
sobre a desbotada mesa de trabalho

SIMONE TEODORO

mineira de Belo Horizonte, publicou os livros de poemas
Distraídas Astronautas (2014) e *Movimento em Falso* (2016),
ambos pela Editora Patuá.

Ouro e maldição nas Minas Gerais



EDGARD PEREIRA

Ao retornar a Ouro Preto, pressionado por forças secretas e misteriosas, o narrador surpreende-se a vivenciar encontros inesperados. Depara-se com fantasmas, seres irreais com os quais empreende um mergulho no tempo, passando a viver no tempo do ciclo do ouro. Descobertas de minas, tesouros saqueados, tiroteios em emboscadas, peripécias supostamente inseridas na História, episódios fabulosos e extravagantes formam o *plot* de *Mergulho na região do espanto* (Ed. UFMG, 2015), décimo romance publicado por Rui Mourão. Com os anteriores *Boca de chafariz* (1991) e *Quando os demônios descem o morro* (2008), encerra-se a trilogia de Ouro Preto, empreendida pelo autor brasileiro, com extensa contribuição à cultura de seu país. O autor integrou, juntamente com Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo e Fábio Lucas, o grupo da revista *Tendência* (1957-1962), empenhado em inserir parâmetros críticos e nacionalistas ao debate cultural. Desde a estreia com *Raízes* (1956) até os dias que correm, deu a lume outros expressivos títulos no terreno da ficção, quase todos ambientados em Belo Horizonte, abordada desde seus primórdios, como arruado e aldeia até adensar-se em núcleo urbano de alargadas complexidade e vitalidade (*Curral dos crucificados*, *Cidade calabouço Jardim pagão*, *Monólogo do escorpião*, *Servidão em família*, *Invasões no carrossel*), além de ensaios (*Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*, *O alemão que descobriu a América*).

A culpa sem dúvida fora minha. Como justificar o fato de alguém, num súbito rompante, sem qualquer planejamento – mesmo sem avaliação do que se passava –, resolver tomar o ônibus e, contrariando inteiramente seus hábitos, se deixar levar para uma viagem cujo objetivo sequer havia sido revelado? (p.145).

Esta confissão, feita quase ao meio da trama, revela o traço inseguro e intempestivo do indivíduo que se arroga o direito da autoria. Fugindo ao escopo convencional de obras literárias centradas nos eventos da Inconfidência Mineira, o autor desdenha obviamente os ritos canônicos da revolta ocorrida no solo mineiro em fins do século dezoito. O narrador, ou melhor, uma configuração múltipla e diversificada de vários narradores, emerge modificado nos vários capítulos, numa postura em que o estatuto da duplicidade se renova a cada passo. O mesmo espanto vivenciado pelo narrador central reduplica-se nos outros sujeitos que se dispõem a contar histórias, nas quais a febre da extração do ouro é a tônica. Entre os diversos sujeitos enunciadores do relato delineia-se um intrincado jogo de reflexos entre o estatuto do Autor e o do Narrador, desdobrável na identificação desse último com outros personagens surgidos da névoa do tempo (Salustiano, Ubirajara Dantas, Gonçalo Torto, Bartolomeu Curado). As sucessivas encarnações do narrador são registradas em minúcias de detalhes:

Deixara-me invadir pela curiosidade de poder entrar em contato com seres de outras esferas. Chegando a essa compreensão naquele momento, o temor que me rondava entrou a transformar-se em pânico. Extrema sensação de insegurança aprofundou-se em minha alma. Sentia-me impotente. Não possuía meios de livrar-me da figura de homem que falava, gesticulava na minha dianteira (p.126).

A identificação com os mortos, visitantes em rituais noturnos, nem sempre acarreta total assimilação de caracteres; em alguns casos, ocorre gerando disparidade e contradição. A tentativa de compreender o fenômeno da criação literária não desaparece entre os devaneios e a turvação de ideias que acometem o narrador. Interessado em perscrutar a especificidade do ato de elaborar enredo e criar personagens, produzir ficção, enfim, de forma rude entrevê os desdobramentos do pacto romanescos, sugerindo o somatório de três instâncias – o fingimento, a invenção e a expressão, sem deixar de acentuar o peso decisivo da terceira delas, nem sempre levado em conta: “Comprovava-se àquela altura o amadurecimento da sensibilidade do escritor, que havia atingido o máximo da capacidade expressional” (p.158). O ofício de escritor transparece em meio à turbulência dos fatos: “Você – simplesmente você – era responsável pelo fenômeno duplo de enxergar o que devia ser informado sobre o passado e transportá-lo para a corrente verbal” (p.156). Até aqui (mais ou menos a metade do livro), as coordenadas da ação são estas. A guinada observada a seguir, na exata proporção de um corte epistemológico, conduz o relato a um afunilamento temático, na busca de afirmação do protagonista. Até então seduzido pela importância das letras, este debruça sobre si mesmo, no sentido de desvendar seu lugar no mundo. Advém daí o derradeiro *espanto*, ao se perceber predestinado a se envolver visceralmente nas lides literárias.

Como pano de fundo, o alvorecer do ouro que brilha intensamente desperta cobiça e fermenta o sonho de liberdade. Surgido em profusão, o cobiçado metal gera rivalidades, impostos, ladrões, contrabandistas. Afluem bandos de aventureiros, muitos travestidos de mineradores, alentados pelo sonho de fácil riqueza. Operador de tensões, o narrador transita entre as ideias de ganância e serenidade, recolhimento e agitação, saúde e doença, riqueza e miséria, opressão e liberdade, violência e harmonia nas relações humanas. O gosto de descrever embates sociais e cenas de multidão, presente em outras narrativas do autor, articula-se ao interesse de flagrar a dinâmica da ocupação do solo, em que bandos de aventureiros instalam-se inopinadamente de uma hora para outra em lugares inóspitos, atraídos pela ambição.

O *mergulho* não indicia necessariamente uma permanência ou pacífica imobilidade. Ao contrário, o mergulho metafórico comporta um

movimento de fuga, de passagem. Ou de surpresa. Rui Mourão constrói uma ficção de fundo crítico. Não tem sentido revisitar o passado de Ouro Preto desprovido de um projeto dessa ordem. No segundo retorno a Ouro Preto, vultos históricos (Tiradentes, José Álvares Maciel, Cláudio M. Costa, Luiz Vieira) passam a materializar-se diante do narrador. “Divagações filosóficas desdobráveis e arregimentadoras, carregadas de acumulações eruditas, ganhavam eficiência, fluência, brilho” (p.298). Com *eficiência, fluência e brilho*, os vultos do passado materializados assumem o enunciado. As variações sobre o tema têm uma fonte ilustre. Basta compulsar a lírica barroca de Cláudio Manuel da Costa, protagonista de trágico destino à altura desses fatos, para atar os laços. Na ode “A Milton”, o suave árcade mineiro, numa pausa entre o fervor em exaltar os animosos paulistas (o poema épico *Vila Rica*) e o afã de cantar as fontes e o enlevo das ninfas, afirma: “Contigo me entretenho,/ contigo passo a noite, e passo o dia,/ e cheia a fantasia/ das imagens, ó Milton, do teu canto,/ contigo desço às Regiões do espanto.”



O escritor mineiro Rui Mourão

EDGARD PEREIRA

mineiro de Jesuânia, é autor dos contos de *Violeta Trindade* (Interlivros, 1976) e *O lobo do cerrado* (Imago, 1996) e do romance *Outono atordoado* (Cone Sul, 2001), além de diversos livros de ensaios literários.

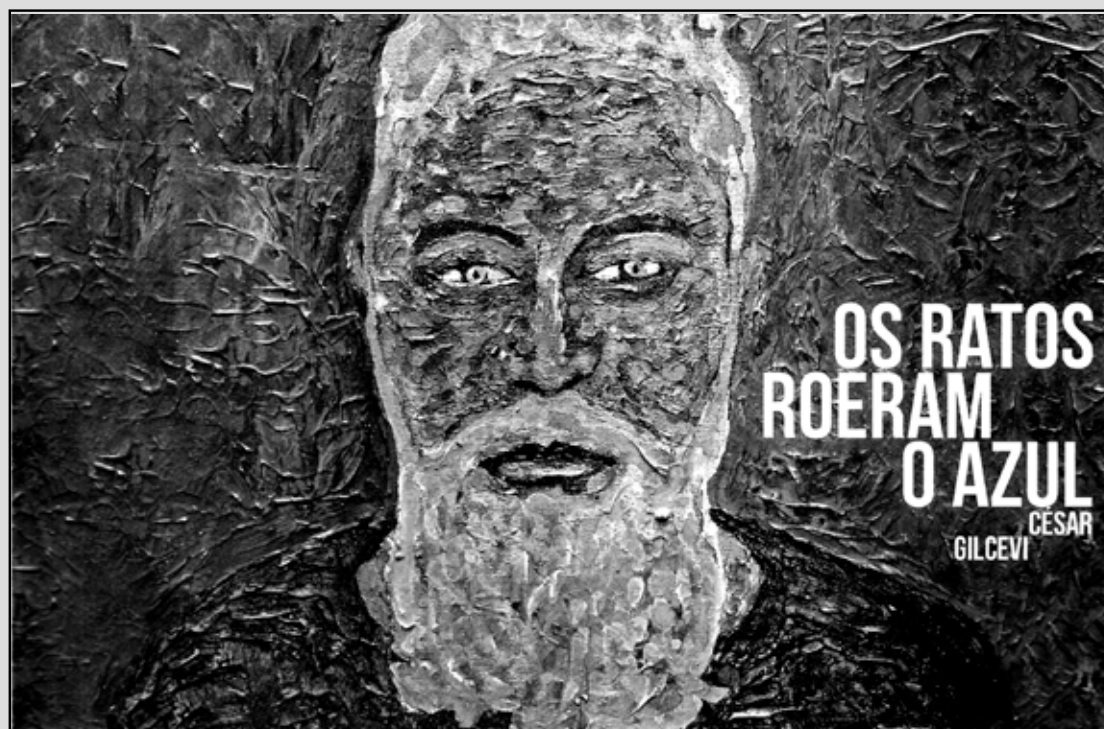
CÉSAR GILCEVI, POETA

Os leitores sempre têm a ganhar quando surge na cena poética brasileira uma nova voz, digna de ser conhecida. É o caso do poeta, músico e produtor cultural César Gilcevi, que lançou no ano passado seu primeiro livro de poemas, *Os ratos roeram o azul* (Ed. Letramento), mesmo com muitos anos de estrada.

Gilcevi passou antes pela banda Carolina Diz, com dois CDs no currículo - *Se perder* (2004) e *Crônicas do amanhecer* (2008). A intensa ligação com o rock é facilmente percebida ao longo de seu livro, bem como um visceral mergulho no lado escuro da vida, notável para alguém que se ocupou dos mais variados trabalhos: jornalista, office boy, vendedor de produtos de limpeza, digitador, auxiliar de biblioteca, entre outras ocupações.

Poesia e rock and roll, rock and roll e poesia, misturados na bruta vivência das ruas, dos dias áridos da pólis. Os poemas de Gilcevi acertam o tom e pegam na veia.

Fabício Marques



O AMOR

era uma quinta-feira santa & dei-lhe três
 tiros nas costas
 ele ficou agonizando caído no beco
 a mão aflitiva nas tripas violadas
 cheguei perto pra dar o arremate
 : mais três na cara

antes de fugir rumo à manhã
 ainda pude ver de longe
 a multidão se aglomerando
 espoliando a aljava o continente
 a poesia agora menos
 que um fantasma

INFÂNCIA III (SANGUE RUIM)

I
 clã dos silva

da parte do pai vinham os de pele escura & parda
 índios pegos no laço ladrões d'além mar capitães do mato
 idólatras do cobre da preguiça & das armas
 malvivendo amontoados naquela casa pau a pique senzala
 partiam para o leste sob a tutela da noite oscura
 levavam na matula a bússola a meiotá de cachaça
 carcaças de pequenos animais
 sapienciais pergaminhos: *eis que vou agora dormir no pó
 se me procurares pela manhã já não existirei*

II
 clã dos souza

os irmãos da mãe na frente acuada traziam sardas
 lixo branco escoraçado das terras de lund
 lazarones no monturo do morro das pedras
 ralé de pés rachados sonâmbulos na encruzilhada
 malvivendo amontoados naquela casa adobe senzala
 pico & cola arranhando as grades da alma
 falavam uma gíria bárbara & cheia de fúria
 :o terceiro mundo vai explodir quem tiver de sapato não sobra

O NOSSO AMOR

foi-se
 coxo & proscrito
 pelos arrabaldes pelas trincheiras
 pela entranha

deixando pra trás
 tudo o que é inexplicável

DIANE 35

em certos períodos ela ficava meio louca
 ladainhava édens santos inexistentes
 dizia que iansã & yemanjá estavam brigando
 pela cabeça dela
 nas mãos transidas o par de agulhas longuras
 urgia cachecóis & extravagâncias
 saiph betelgeuse oeste vésper parolim uauás
 olhos enfebrados no firmamento nomeando
 sete de paus às de copas dionísio carta dez

guardava-se numa castidade imperturbável & ávida
 por abater o animal encerrado em mim
 conversava descontínuas horas com meu pai morto na varanda
 & me comunicava as represálias do velho
 ele diz que você está bebendo e usando drogas demais
 eu retrucava mas nem depois de morto esse filhodaputa
 me deixa em paz

era a época em que a lua parecia não nascer
 & ela não me deixava dormir
 descrevendo o bestiário imemorial à espreita
 na escuridão
 ouvia retinir cascos carrancas caudas bilioso
 algodão represando as narinas do semovente cadáver
 há muitos anos velado na sala

eu me levantava puto amanhã
 interno essa doída mas acabava me acalmando
 me deitava na rede fumando bebendo vendo
 ela espalhar um sortilégio de eufemias folhagens fragrâncias
 falanges de seres terrulentos pela casa

tinha 25 anos & no início achei que ela precisava
 de um deus ou de um pai
 eu havia acabado de chegar do século XX
 & não me encaixava em nenhuma das duas categorias

um dia ela trouxe campânulas agraços o vagido
 do primeiro arco-íris
 acorrentou tudo ao meu coração
 disse que agora tudo ia ficar bem
 que tinha ido ao rio da minha infância
 & atirado nele meus mortos meu fundante
 cansaço minha treva & aço

VIAGEM AO RIO

CONTO DE PAULO ROBERTO BARBOSA

Meu pai era homem de muitos talentos. Enveredou pela escultura e pelo desenho antes de entrar para o jornalismo. Como escultor, seguia a linha de Moore, moldando abstrações em pedra e madeira. Seus desenhos não eram nada maus, lembrando fios de arame esticados no papel. Escultura e desenho terminaram substituídos pela paixão maior do velho pelas palavras. Nos anos 60, integrou a redação do *Binômio*, um jornal crítico do governo JK. Tão raro quanto a figura do velho – magro, cabeludo, óculos de fundo de garrafa –, seu texto calhava ao irreverente periódico, empastelado em 1962 por uma *blitz* militar. Fechado o *Binômio*, meu pai migrou para sucursais de jornais cariocas e paulistas. Chegou às páginas do *Estado de Minas* pelo fim da década, mas não se demorou lá, não lhe perdoaram uma internação pouco depois de assumir o posto de cronista de polícia. O velho era cardiopata, sofria de hemorroidas, de pancreatite e tinha diabetes. As doenças obrigavam-no a internações regulares, algo nem sempre compreendido pelos patrões, inclementes com os males alheios, nunca com os seus próprios.

Certa vez, encontrei um colega de redação do velho. Efusivo comigo depois de saber que eu era filho de quem era, contou que meu pai escrevia “desesperadamente: em guardanapos, papéis de cigarro e até bilhetes de loteria”. O paletó salpicado de caspa, o cabelo desgredado e os papéis rabiscados eram a marca registrada do Bley, também me disse o Délio Rocha, sério e fumando tanto quanto meu pai.

Ficamos conversando com essa minha tia, que falou sobre suas glórias pregressas, nos retendo ali por um tempo além do necessário. Perdemos a entrega do prêmio. Meu pai era tímido, não sabia dizer com licença, vamos indo, temos um compromisso. Não, o velho não sabia falar coisas assim

De fato, o velho sempre chegava em casa com anotações, logo transformadas em contos, peças, romances. Batia tudo na Remington, uma máquina preta recebida como último salário no *Binômio*. Foi nessa máquina que eu e meus irmãos aprendemos a datilografar. A máquina era americana, e a tecla de que eu mais gostava era o “fixador de maiúsculas”. Exigia um dedo mindinho tão longo quanto o meu, sem o que ficava impossível maiuscular as letras. O ruído

da Remington varando a madrugada era sinal, para nós, de que o velho estava trabalhando duro. E de que iria acordar tarde, de ressaca, trovejando contra deus e todo mundo.

Devido à saúde frágil, meu pai aposentou-se por invalidez, aos cinquenta e poucos. Dedicou-se mais à escrita a partir daí e, dos tempos de redação, ficaram-lhe, além da Remington, os hábitos noturnos. Escrevia à noite, fumando e bebendo. Era essa a rotina das redações, afinal, cujo expediente entrava pelas madrugadas para que os jornais pudessem circular no dia seguinte com as “últimas notícias”. Lembro-me do cheiro de cigarro e lençóis dormidos que saía do quarto do velho por volta do meio-dia, quando ele emergia para a vida real. Acordava, cuidava da ressaca e retomava o trabalho, revisando as laudas amarelas, postas debaixo do cinzeiro repleto de guimbas de cigarro. Às vezes, pedia que eu o ajudasse com as correções: ele lia do lado de lá, eu conferia do lado de cá. Fazia isso para me iniciar no trabalho de revisor, ofício exercido na Imprensa Oficial até se aposentar. Gostava também de ler tudo em voz alta, para sentir o ritmo das palavras. A voz pausada do velho emprestava aos textos um misterioso prazer auditivo-verbal.

Um dia, o velho convocou-me para uma viagem ao Rio. Ganhara um prêmio na cidade e dispôs-se a ir até lá para receber a honraria e negociar com a editora Ebal os direitos de um livro jamais publicado. Vesti uma camisa preta e embarquei para a minha primeira viagem à capital carioca. Entrando no Rio, avistamos pela janela o canal do Mangue, glosado pelo meu pai como o “anticartão postal mais bonito do Brasil”. Descemos na rodoviária velha

e pegamos um ônibus para a Ebal, onde o velho teve uma conversa longa com o dono da editora, que não resultou frutífera. Ainda lá, meu pai fez umas ligações para o *Jornal do Brasil*. Enquanto telefonava, fiquei observando o entorno, sem pensar em nada a não ser em minha fome animal. Na última das ligações, o velho repetiu alto o endereço do JB. Pôs o fone no gancho e perguntou se eu havia anotado, como se eu pudesse adivinhar-lhe as intenções. Balancei negativamente a cabeça, e ele ficou fulo, uma braveza feita de subtrações.

Depois disso, a meta era receber o prêmio. Haveria uma solenidade na qual falariam o nome do velho, e alguém importante lhe passaria um diploma. Antes, porém, era preciso fazer uma visita à irmã de minha mãe, uma advogada metida a escritora, moradora de um apartamento na orla de Copacabana. O velho levou de presente para ela um cordel de sua lavra ilustrado por mim, com versos sobre os últimos dias de Lampião. Ficamos conversando com essa minha tia, que falou sobre suas glórias pregressas, nos retendo ali por um tempo além do necessário. Perdemos a entrega do prêmio. Meu pai era tímido, não sabia dizer *com licença, vamos indo, temos um compromisso*. Não, o velho não sabia falar coisas

assim. Não sabia pegar no telefone e discar de novo para o JB e pedir à secretária o endereço da redação. Não sabia se desvencilhar da minha tia, beletrista dos infernos que jamais ganharia um prêmio como o dele. Não, o velho não sabia defender o seu lado, ou talvez visse nisso alguma mesquinha indecorosa. Era um sujeito diferente, recusava-se a gestos em benefício próprio. Jamais trabalharia como “chefe da torcida organizada dele mesmo”, como gostava de dizer.

Nossa ida o Rio não deu em nada, portanto, e o jeito foi voltar para Belo Horizonte. Eu, com um sentimento de frustração, o velho, sem demonstrar qualquer pesar. Naquele tempo ainda havia a RFFSA, e meu pai decidiu voltar de trem. A viagem de trem demorava o triplo da viagem de ônibus, o que me exasperava. Mas quando o velho cismava não tinha jeito, impossível demovê-lo de suas teimosias. Embarcamos, e o trem era, além de lento, frio. Fui até o vagão do restaurante com meu pai, que resolveu tomar “uma para esquentar”. Encontramos lá pessoas que acharam graça nos comentários do velho sobre política, ditos com a ironia fina só dele. Meu pai ficou no restaurante bebendo e me passou um dinheiro a fim de que eu pagasse a despesa mais tarde.

Guardei o dinheiro no bolso e voltei para a poltrona, morto de sono e irritado com o velho, que já estava exagerando no álcool.

Dormi e só acordei com o trem na Praça da Estação. Olhei em volta e nada do meu pai, ele não havia voltado do restaurante, desaparecera sem falar nada. Fiquei chateado, o velho resolvera voltar para casa sozinho, sem me comunicar. Desci do trem e peguei o ônibus para o bairro. Chegando em casa, soube da minha mãe que o velho telefonara dizendo ter sido retido pois não havia pago a conta do restaurante (meu irmão teve de ir lá para liberá-lo). Que diabo, meu pai não era uma pessoa comum, não me chamou para pagar a conta. Por que cargas d’água fez isso eu não entendi. Não era uma pessoa normal, não sabia defender seus interesses. Poderia ter pedido alguém para me chamar. Mas não, ele era um gênio, um gênio doido que gostava de sofrer. Por que não fazia as coisas direito, por que tinha de complicar tudo. Devia ser como os outros, devia ser como eu, que fui para casa chateado da vida e com o dinheiro dele no bolso, um dinheirinho muito bom, que serviu para eu comprar duas revistas caras, as últimas que faltavam para completar a minha coleção do Tintim.

GILGAMESH

VERSÃO PARA O INGLÊS: STEPHEN MITCHELL

VERSÃO DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS: A.A.MERCADOR

Escrito em caracteres cuneiformes, a mais antiga versão de GILGAMESH data de 2.100 a.C. ou seja, mil anos mais antiga que a Ilíada e a Bíblia. Perdidas por mais de dois mil anos, suas onze tábuas de barro cozido compõem o livro mais antigo da história da humanidade.

GILGAMESH foi encontrado nas ruínas de Nínive, em 1853. O texto, decifrado em 1857, recebeu várias versões ao longo dos anos. Considerado uma obra-prima da literatura mundial, o poema narra as aventuras de um homem em busca do autoconhecimento. Nesta presente edição, o poema é composto de um Prólogo e Onze Livros.

Gilgamesh, rei de Uruk, hoje Iraque – herói cujo nome significa “O velho é o jovem” – é dois terços divino e um terço humano. Forte e poderoso, acaba confundindo poder com arrogância. Oprime os jovens com trabalho forçado e as jovens com seu insaciável apetite sexual. Os súditos rezam aos deuses para que façam algo. Atendendo às súplicas, eles criam, do barro, um outro ser – Enkidu – primitivo, selvagem, tão forte quanto Gilgamesh. Não há dúvida de que Enkidu é uma versão antecipada do Adão bíblico. Ainda em estado bruto e selvagem, Enkidu se tornará totalmente civilizado, graças a uma mulher – Shamhat - enviada pelos deuses para seduzi-lo sexualmente: antecipando a versão bíblica de Eva do Antigo Testamento.

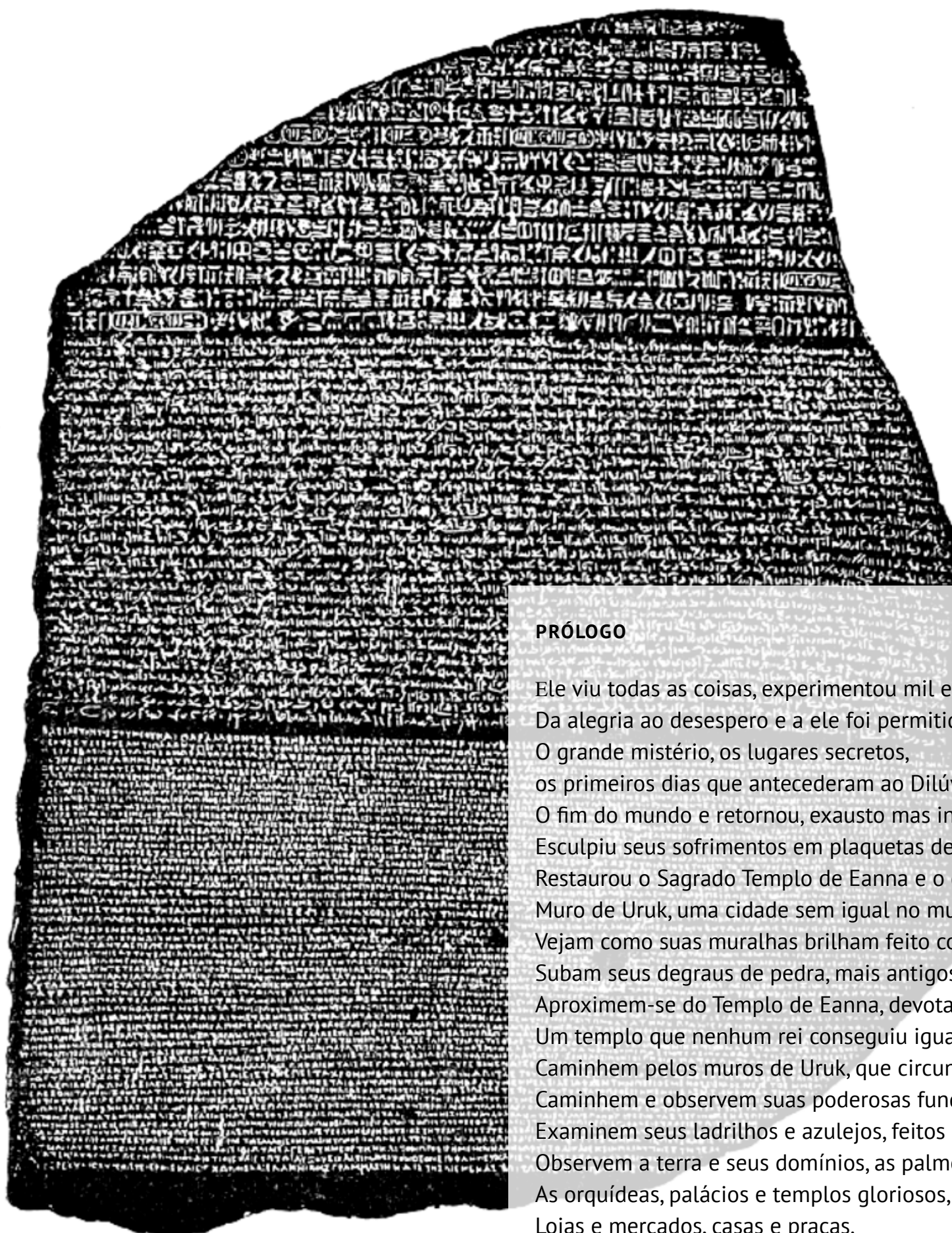
A diferença entre o paraíso da mitologia sumeriana e o paraíso da mitologia cristã é a ausência, neste belo poema épico, de qualquer traço de puritanismo ou moralidade. Não há maçã nem árvore da sabedoria nem pecado original. Em Gilgamesh há apenas o sexo libertador como parte essencial do processo civilizatório. Graças à energia libertadora do orgasmo – como defenderia Willelm Reich milênios depois – Enkidu se transforma de selvagem em ser racional. Abandonado pelos animais com quem até então convivia, o agora homem Enkidu vai até Uruk conhecer e enfrentar Gilgamesh. Eles se equiparam em força, tamanho e destreza. Lutam entre si, ininterruptamente, até que Gilgamesh imobiliza Enkidu no chão. Extenuados, mas sem ira ou fúria, acabam por admirar a força e a habilidade, um do outro. Tornam-se amigos inseparáveis e passam a viver, lado a lado, aventuras e batalhas colossais, derrotando monstros e demônios. Um dia, Enkidu morre. Inconsolável com a morte do amigo, Gilgamesh abandona Uruk em busca da imortalidade. Para isso, precisa encontrar o único homem que sobreviveu ao Grande Dilúvio e venceu a morte. E mais uma vez, o épico de Gilgamesh antecipa a narrativa bíblica.

Na introdução à presente edição, Stephen Mitchell ressalta: “Minha intenção foi recriar o antigo épico como um poema contemporâneo, dentro do universo da língua inglesa”. E completa: “Preferi chamar de versão mais do que de tradução. Não leio cuneiforme e não conheço a língua Acadiana...”

Faço minhas as palavras de Stephen Mitchell.

A.A. Mercador





PRÓLOGO

Ele viu todas as coisas, experimentou mil emoções,
 Da alegria ao desespero e a ele foi permitido antever
 O grande mistério, os lugares secretos,
 os primeiros dias que antecederam ao Dilúvio. Viajou até
 O fim do mundo e retornou, exausto mas inteiro.
 Esculpiu seus sofrimentos em plaquetas de barro,
 Restaurou o Sagrado Templo de Eanna e o descomunal
 Muro de Uruk, uma cidade sem igual no mundo.
 Vejam como suas muralhas brilham feito cobre sob o sol.
 Subam seus degraus de pedra, mais antigos do que se pode imaginar,
 Aproximem-se do Templo de Eanna, devotado a Ishtar,
 Um templo que nenhum rei conseguiu igualar em tamanho e beleza,
 Caminhem pelos muros de Uruk, que circundam a cidade,
 Caminhem e observem suas poderosas fundações,
 Examinem seus ladrilhos e azulejos, feitos com maestria,
 Observem a terra e seus domínios, as palmeiras, os jardins,
 As orquídeas, palácios e templos gloriosos,
 Lojas e mercados, casas e praças.
 Encontrem a pedra fundamental e sob ela a caixa de cobre
 Marcada com o seu nome. Abram. Ergam a tampa.
 Retirem as tábuas de lápis-lazúli. Leiam como
 Gilgamesh tudo sofreu e tudo superou.

GILGAMESH

LIVRO I

Superior a todos os reis, poderoso e maior
 Que todos os outros, violento, esplêndido,
 Homem feito touro selvagem, líder invencível,
 Herói nas frentes de batalha, amado por seus soldados –
 Fortaleza o chamavam, Protetor do Povo,
 Dilúvio furioso que destrói muralhas -
 Dois terços divino e um terço humano,
 Filho do Rei Lugalbanda, que se tornou
 Um deus, e da deusa Ninsun, ele abriu
 Passagens nas montanhas, cavou fontes nas
 Escarpas, cruzou o vasto oceano, navegou
 Rumo ao sol nascente, viajou ao fim do
 Mundo em busca da vida eterna e encontrou
 Utnapishtim – o homem que sobreviveu
 ao Grande Dilúvio e se tornou imortal –
 Trouxe de volta os antigos e esquecidos rituais,
 Restaurou os templos que o Dilúvio havia destruído,
 Renovou códigos e sacramentos para
 O bem do povo e da terra sagrada.
 Quem se iguala a Gilgamesh? Que outro rei
 Inspirou tal reverência? Quem mais pode dizer:
 “Supremo, eu governo toda a humanidade”?
 A deusa Aruru, mãe da criação,
 Moldou seu corpo, fez dele o mais forte
 Dos homens – grande, belo, radiante, perfeito.

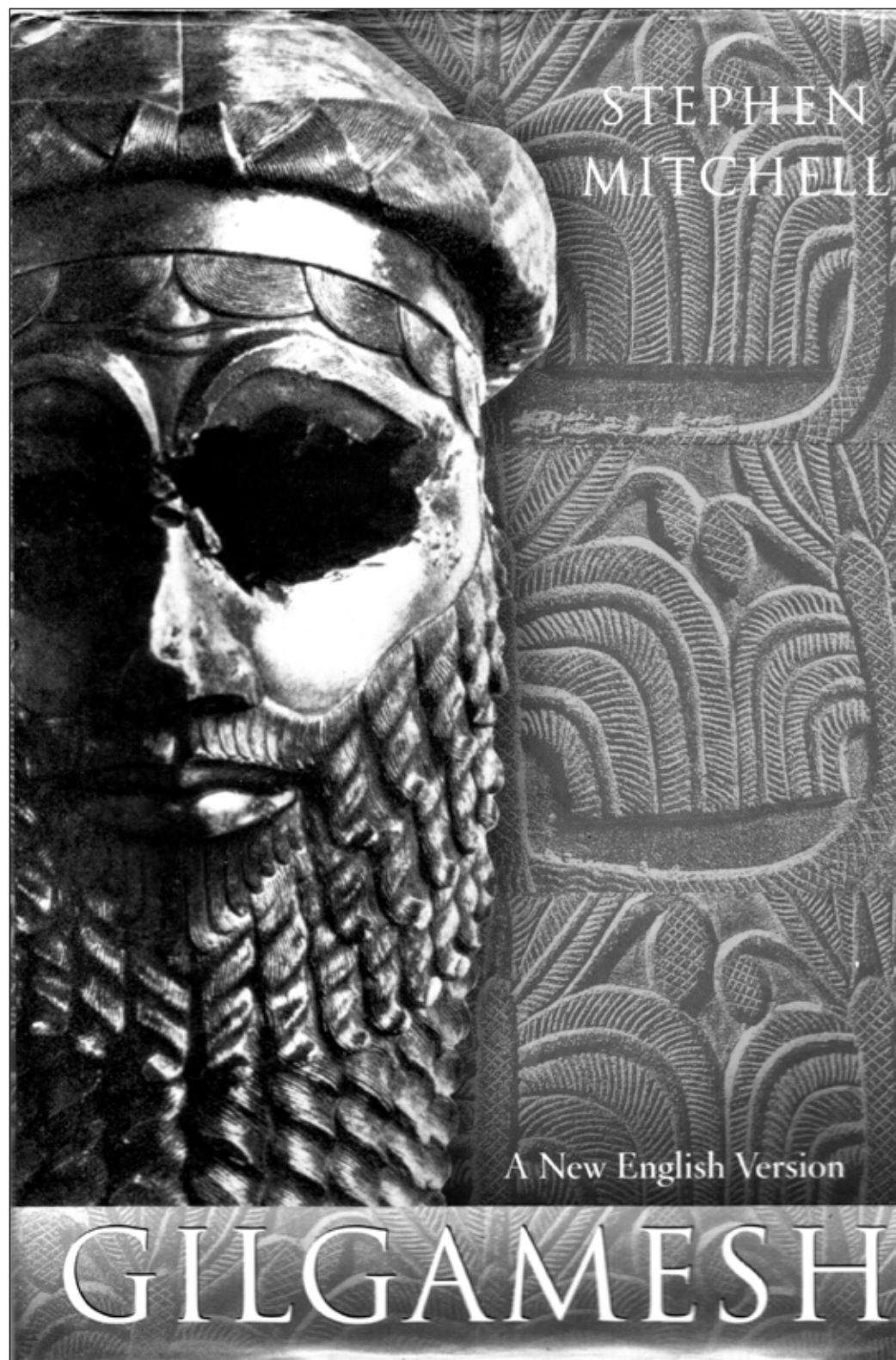
A cidade é seu domínio, nela se exhibe,
 Arrogante, a cabeça altiva,
 Atropelando sua gente como um touro selvagem.
 Ele é o rei e faz o que bem entende,
 Arranca o filho do pai e o espanca, tira a filha
 Da mãe e dela se aproveita,
 A filha do guerreiro, a noiva do jovem,
 Delas se aproveita e ninguém ousa se opor.
 Mas o povo de Uruk implora aos céus
 E sua lamentação é ouvida, os deuses
 São sensíveis, seus corações são tocados,
 Se dirigem a Anu, o pai de todos,
 Protetor do reino sagrado de Uruk,
 E relatam as preocupações do povo:
 “Pai celestial, Gilgamesh - nobre
 E esplêndido como é – excedeu

Todos os limites. O povo sofre
 Com sua tirania, o povo chora quando
 Ele tira o filho do pai e o espanca,
 Tira a filha da mãe e se aproveita dela,
 A filha do guerreiro, a noiva do jovem,
 Delas se aproveita e ninguém ousa se opor.
 É assim que quereis que vosso rei governe?
 Pode o pastor devastar seu próprio rebanho? Pai,
 Urge que façais alguma coisa, antes que
 As lamentações do povo dominem os céus”.

Anu ouviu com atenção, inclinou a cabeça
 E, virando-se para a deusa, mãe da criação
 Disse: “Aruru, foi você quem criou
 Os humanos. Vá e crie agora um duplo
 Gilgamesh, seu segundo eu, um homem
 Que o iguale em força e coragem,
 Um homem com o mesmo coração violento.
 Crie um novo herói e deixe que se equilibrem
 Para Uruk continuar vivendo em paz”.

Aruru tudo ouviu e cerrou os olhos,
 E o que Anu havia ordenado se formou em sua mente.
 Ela umedeceu as mãos, catou um pouco de lama,
 Que lançou longe, nos confins da selva,
 Depois, misturou, amassou e moldou a lama
 À sua vontade e dela criou um homem, um guerreiro, um
 herói:
 Enkidu, bravo e poderoso, feroz como Ninurta,
 o deus da guerra. Pelos cobriam seu corpo,
 Grossos cabelos nasciam em sua cabeça, compridos
 Até à cintura, como cabelos de mulher.
 Ele vagava pela vastidão da selva,
 Nu, longe das cidades e dos homens,
 Se alimentava de folhas com as gazelas
 E ajoelhado lado a lado com antílopes e corças
 Bebia da pura água dos poços e das fontes.

Um dia, um caçador o avistou
 Bebendo de um poço junto com os animais.
 O coração do caçador disparou, seu rosto empalideceu,
 As pernas tremeram e ele ficou paralisado de terror.
 A mesma coisa aconteceu no segundo e no terceiro dia.
 O medo apertou seu estômago, ele parecia exausto e pálido
 Como se tivesse voltado de uma longa e dura viagem.
 Ele procurou seu pai: “Pai, eu vi
 Um selvagem bebendo água no poço
 Ele deve ser o homem mais forte do mundo,
 Seus músculos são como pedras. Eu o vi correr



Mais rápido que os animais mais rápidos.
 Vive entre eles, se alimenta de folhas com as gazelas
 E bebe da água mais pura que brota dos poços.
 Eu não cheguei mais perto porque tive medo.
 Ele enche os poços que eu cavo, arranca as armadilhas
 Que eu armo, liberta todos os animais
 Eu não consigo caçar mais nada. Minha vida está perdida”.

“Filho, em Uruk vive um homem
 Chamado Gilgamesh. Ele é o rei da cidade
 E dizem que é o homem mais forte do mundo,
 Seus músculos são de pedra. Vá até Uruk,
 Vá até Gilgamesh, diga o que você está me dizendo
 E siga o seu conselho. Ele saberá o que fazer”.

Então ele viajou e se postou diante
 De Gilgamesh no centro de Uruk,
 E descreveu para ele o selvagem.
 O rei disse: “Vá ao templo de Ishtar
 E lá pergunte por uma mulher chamada Shanhat
 Uma sacerdotisa que entrega seu corpo
 A qualquer homem em louvor da deusa.
 Leve-a para a selva onde os animais
 Bebem a água pura do poço,
 Diga a ela para tirar a roupa e deitar ali
 Nua, pronta, as pernas abertas.
 O selvagem vai se aproximar. Deixe-a usar as artes
 Do amor. A natureza toma seu curso, e então
 Os animais que o conhecem na selva
 Ficarão confusos e o abandonarão para sempre”.

O caçador encontrou Shamhat, sacerdotisa de Ishtar,
 E juntos penetraram a selva escura.
 Andaram durante três dias. No terceiro dia
 Eles chegaram ao poço das águas. Se puseram à espera.
 Durante dois dias observaram os animais
 Beberem da pura água. Na manhã
 Do terceiro dia, Emkidu veio e se ajoelhou
 Para beber ao lado do antílope e da corça.
 Eles olharam extasiados. O homem era enorme
 E belo. Fundo, bem fundo em Shamhat,
 O desejo brotou. Ela ficou ofegante
 Ao olhar para aquele ser primordial.
 “Veja”, disse o caçador, “ali está ele.
 Agora use as artes do amor. Tire a roupa,
 E deite-se nua, com as pernas abertas.
 Provoque nele o desejo enquanto ele se aproxima,
 Toque-o, excite-o, faça-o perder o ar
 Com seus beijos, mostre-lhe o que é uma mulher.
 Os animais que o conhecem na selva
 Ficarão confusos e o abandonarão para sempre”.

Ela tirou a roupa e se deitou, nua,

As pernas abertas, tocando seu sexo.
 Enkidu a viu e se aproximou cauteloso.
 Cheirou o ar. Contemplou seu corpo.
 Chegou mais perto, Shamhat tocou sua perna,
 Tocou seu pênis, e o colocou ao seu lado.
 Usou as artes do amor, o fez perder o ar
 Com seus beijos, não se conteve e mostrou a ele
 O que é uma mulher. Durante sete dias
 Ele se manteve ereto e fez amor com ela,
 Até que se sentiu saciado. Finalmente,
 Se pôs de pé e se dirigiu ao poço das águas
 Para reencontrar seus animais. Mas as gazelas
 O olharam e se dispersaram, o antílope e a corça
 Foram embora. Ele tentou capturá-los,
 Mas estava exausto, sem força, extenuado,
 Os joelhos trêmulos, incapaz de correr como
 Um animal, como costumava fazer.
 Voltou então para Shamhat, e enquanto caminhava,
 Sentiu que sua mente havia se alargado,
 E agora sabia coisas que animal nenhum sabia.

Enkidu sentou aos pés de Shamhat.
 Olhou para ela e compreendeu
 Tudo que ela lhe dizia:
 “Agora, Enkidu, você sabe como
 É estar com uma mulher, se unir a ela.
 Você é lindo, lindo como um deus.
 Porque perambular sozinho na selva
 E viver como um animal? Deixe-me levá-lo
 Para a grande muralha de Uruk, para o templo de Ishtar,
 Para o palácio de Gilgamesh, o poderoso rei,
 Que em sua arrogância oprime o povo,
 Atropelando a todos como um touro selvagem”.

Quando terminou, Enkidu inclinou a cabeça.
 Sentiu algo tremer em seu coração,
 Uma ansiedade com jamais sentira antes,
 Ansiedade por um verdadeiro amigo. Enkidu disse:
 “Eu vou, Shamhat. Leve-me com você
 Para a grande muralha de Uruk, para o tempo de Ishtar,
 Para o palácio de Gilgamesh, o poderoso rei.
 Eu vou desafia-lo, vou gritar na sua cara:
 ‘Eu sou o mais poderoso! Eu sou o homem
 Que faz o mundo tremer! Eu sou o supremo’!

“Vamos”, disse Shamhat, “vamos para Uruk,
 Vou leva-lo até Gilgamesh o poderoso rei.
 Você verá a grande cidade com seu muro monumental
 Você verá jovens vestidos com esplendor,
 Em finíssimos linhos e ornamentadas lãs,
 Cores brilhantes, xales com franjas e largos cintos.
 Todos os dias é uma festa em Uruk,
 As pessoas cantam e dançam pelas ruas,

Músicos tocam liras e tambores
 E as lindas sacerdotisas sorriem e falam
 No adro do templo de Ishtar,
 Arrebatadas por uma sensual alegria, prontas para
 Dar prazer aos homens e fazer os mais velhos
 Se levantarem do leito em louvor da deusa.
 Você ainda é muito ignorante da vida,
 Eu vou lhe mostrar Gilgamesh o poderoso rei,
 O herói cujo destino é alegria e pesar.
 Você ficará diante dele e o contemplará com admiração,
 Verá o quanto ele é belo, o quanto ele é viril,
 Como seu corpo pulsa com força erótica.
 Ele é maior e mais forte que você – tão
 Cheio de vida que não precisa dormir.
 Enkidu, deixe de lado sua agressividade.
 Shamash, o deus do sol, o ama e Anu, o pai dos deuses,
 Abriu a sua mente, Enli, o deus da terra, também abriu,
 E também Ea, o deus da água e da sabedoria.
 Muito antes de você descer as montanhas,
 Você veio até Gilgamesh em um sonho”.
 E ela disse a Enkidu o que havia ouvido.
 “Ele foi até sua mãe, a deusa Ninsun
 e pediu para ela interpretar o sonho.
 ‘Eu vi uma estrela brilhante, ela cruzou
 O céu da manhã e caiu aos meus pés
 E ficou à minha frente como um enorme seixo.
 Eu tentei levanta-la, mas era pesada demais.
 Eu tentei move-la, mas ela não se mexia.
 Uma multidão se juntou à minha volta
 O povo de Uruk se apertando para ver,
 Como uma criança eles beijaram seus pés.
 O seixo, a estrela que havia caído do céu –
 Eu a tomei em meus braços, abracei-a e acariciei-a
 Como um homem acaricia a esposa.
 Depois peguei-a e coloquei-a à minha frente. Você
 Me disse que isso era meu duplo, meu segundo eu’.
 A mãe de Gilgamesh, a deusa Ninsun,
 A sábia, a que conhece tudo, disse para seu filho:
 “Querido filho, a estrela brilhante que caiu do céu,
 Este seixo enorme que você não consegue erguer –
 Está lá como um querido amigo, um poderoso herói.
 Você o tomará nos braços, o abraçará e acariciará
 Como um homem acaricia sua esposa.
 Ele será seu duplo, seu segundo eu,
 Um homem leal, que ficará ao seu lado
 Nos grandes perigos. Cedo você o encontrará,
 O companheiro do seu coração. Seu sonho falou’.
 Gilgamesh disse: Que o sonho se torne realidade.
 Que meu verdadeiro amigo surja, o verdadeiro companheiro
 Que mesmo nos grandes perigo, estará ao meu lado.’

Quando Shamhat terminou de falar, Enkidu
 Se voltou para ela e mais uma vez se amaram.

GLOSSÁRIO

EANNA: “Casa do Céu”. Templo de ANU e ISHTAR em Uruk.

URUK: Antiga cidade ao sul da Mesopotâmia. Iraque é derivado de Uruk.

LUGALBANDA: “Pequeno Senhor”. Rei de Uruk, mais tarde deificado. Em uma tradição, seria o pai de Gilgamesh. Em outra, era a divindade guardiã de Uruk.

UTNAPISHTIM: “Aquele que encontrou a Vida”; em Sumeriano: Ziusudra, “A vida de Longos Dias”. Rei de Shuruppak que sobreviveu ao Grande Dilúvio e foi feito imortal. Ele é chamado de Atrahasis (“Sábio Supremo”) em um poema com esse nome.

ARURU: “A semeadeira”. De acordo com estudiosos, o sentido do nome é desconhecido; também chamada Belet-iki, “Senhora dos Deuses”. A deusa mãe que criou a humanidade com ajuda de EA. Irmã (ou esposa) de Enlil; em algumas tradições, a amante de Anu.

ANU: Em Sumeriano: An=Céu. Filho do primeiro casal de deuses, Ansar e Kisar, deus do céu e pai dos deuses, em especial pai de Enlil e Aruru.

ENKIDU: O nome talvez signifique “Senhor do Bom Lugar” ou pode ser Enki’s (= Ea’s) criação ou “O Selvagem”. Um selvagem criado pelos deuses para ser igual a Gilgamesh, na tradição babilônica (ou para servi-lo, na tradição sumeriana).

NINURTA: “Senhor da Terra”. Filho de Enlil, camareiro dos deuses, deus da agricultura, também cultuado como um deus da guerra.

ISHTAR: Em sumeriano, Inanna, “Rainha do Paraíso”. Divindade padroeira de Uruk, deusa do amor sexual e da guerra; filha de Anu, de acordo com a tradição de Uruk; em outra tradição, ela é amante de Anu e filha de Sin.

SHAMHAT: De acordo com Bottéro, o nome significa “A Feliz”; de acordo com George, “algo entre “Bonita” e “Bem Dotada”. Sacerdotisa de Ishtar em Uruk, cujo trabalho foi o de civilizar Enkidu.

NINSUN: “Senhora da Vaca Selvagem”. Uma deusa sumeriana menor, conhecida por sua sabedoria; mãe de Gilgamesh.

ENLIL: O nome pode significar “Senhor dos Ventos”. Filho de Anu, pai de Sin, avô (em uma das tradições) de Shamash e Ishtar. Com a ajuda de Anu, Ea e Aruru, ele governa o universo. Algumas vezes amigável com a humanidade, outras vezes um deus irritável e caprichoso, que envia catástrofes como o Grande Dilúvio. Seu tempo principal ficava em Nippur.

EA: Em sumeriano, ENKI. O mais esperto dos deuses. Deus da intelectualidade, da criação, sabedoria, magia e medicina. Filho de Ansar e Kisar. Era também o deus das puras águas do mar subterrâneo, apsû, o “Grande Abismo”. Ele enviou Sete Sábios para civilizar a humanidade. Entre outros presentes, ele colocou ordem no cosmos, inventou o arado e encheu os rios com peixes.

PRODUTOS ROMÂNTICOS, NÓS TODOS...

FERNANDO CABRAL MARTINS

1 - VANGUARDA ROMÂNTICA

Numa perspectiva que, aparentemente, é de recusa da tradição romântica do autor-génio, a Vanguarda do princípio do século XX assume a “desaparição elocutória” do autor que é definida por Mallarmé. Na verdade, o que se passa é que essa “desaparição” abre o campo para a proliferação dos autores fictícios (como acontece nas obras de T. S. Eliot, Valéry Larbaud, Ezra Pound, Fernando Pessoa ou Jorge Luis Borges). E, além disso, trata-se ainda, não de uma recusa, mas da continuação da tradição romântica, pelo menos de um certo modo, pois, para dar um exemplo, é no dealbar do Romantismo que Macpherson cria um autor fictício, o bardo Ossian, que tem uma enorme influência europeia – e outros casos deste tipo de autor imaginário ocorrem, de Chatterton a Sainte Beuve ou a Almeida Garrett. O Autor heróico criado pelos românticos presta-se muito à mistificação e ao jogo, na medida em que é tanto um elemento bibliográfico e paratextual quanto é um facto biográfico e contextual. Neste sentido, o que faz Pessoa com os heterónimos não é senão o desenvolvimento de uma tendência romântica.

Outro exemplo de que a Vanguarda leva às últimas consequências a revolução romântica é a questão performativa, que é uma intensificação daquela mistura entre a biografia do autor e a sua arte que é já timbre do Romantismo: a figura de *dandy* de Garrett é parte da sua obra, tal como as obras de Novalis ou Keats são sobredeterminadas pela ideia de juventude associada à sua escrita. Rimbaud será o herdeiro dessa aura mítica em torno do literário, segundo a qual os poemas não valem apenas por si, à luz de um regime estético de autonomia, mas são como enunciações de um enunciador numa situação concreta, isto é, uma espécie de representações teatrais.

A própria invenção dos *ready-mades* por Duchamp implica o privilégio romântico do autor: é só porque está lá assinado o nome do artista que esse objecto se torna arte. Tal como no caso da *pop art*: é só porque Roy Lichtenstein escolhe um certo quadrinho de banda desenhada e o amplia que ele se torna arte. A relação “pessoal” que o Romantismo institui entre o autor e o leitor, entre o artista e o público é absoluta. Lord Byron é como Vladimir Maiakovsky, são o que são e são também símbolos de outra coisa, ambos estão convertidos nos seus versos em corpo inteiro, ambos escrevem em actos de vida um poema-performance.

O caso português de Mário de Sá-Carneiro é o mais claro exemplo da face romântica do vanguardista. Com toda a consciência disso e com toda a convicção, cada instante da sua vida real parece ter uma relevância poética, tal como os poemas (que envia por carta aos amigos) se tornam numa espécie de arte postal. Para Sá-Carneiro, viver em Paris, por exemplo, não é apenas uma opção de vida, é um gesto teatral de habitação de um cenário, uma performance.

Quanto a Fernando Pessoa, escreve poemas com uma clara dimensão filosófica, tal como Vigny, Hugo ou Antero. Ou tal como os românticos da *Athenaeum*. Neste sentido, continua directamente o espírito do Romantismo. Não por acaso, as edições dos livros de Pessoa na empresa editorial Ática a partir de 1942 trazem numa página inicial uma citação de Novalis em que se lê: “Quanto mais poético mais verdadeiro”. E essa conexão bibliográfica é coerente com uma das linhas temáticas que compõem toda a literatura de Pessoa, segundo a qual não existe uma verdade dos factos, mas só uma verdade construída a partir dos factos. A sua própria ideia de obras heterónimas assenta na verdade enquanto pluralidade e contradição. Em última análise, só a poesia, a aparição da poesia, a presença sensível da poesia como intensidade manifesta o verdadeiro. “Quanto mais poético mais verdadeiro”, ou, nas palavras de Keats da sua “Ode on a Grecian Urn”: “Truth is beauty, and beauty truth” (“Verdade é beleza, e beleza verdade”).

A literatura de Pessoa constitui, aliás, uma leitura aprofundada de John Keats. Sobretudo, a definição de poeta que se encontra numa carta a Richard Woodhouse de 27-10-1818: “As to the

poetical Character itself, [...] it is not itself – it has no self – it is every thing and nothing – It has no character – it enjoys light and shade; it lives in gusto, be it foul or fair, high or low, rich or poor, mean or elevated” (“Quanto ao Caráter poético propriamente dito, [...] ele não é ele mesmo - não tem nenhum eu – é tudo e nada – não tem caráter – goza com luz e sombra; vive a gosto, seja ruim ou justo, alto ou baixo, rico ou pobre, médio ou elevado”). A impessoalidade, a “desaparição elocutória” do poeta para em seu lugar poder surgir o jogo dos heterônimos, é isso mesmo que está já em Keats perfeitamente definido.

Esta proximidade inesperada com este gênio romântico liga o desdobramento pessoano à manifestação de um déficit de identidade (“é tudo e nada – não tem caráter”). E, no entanto, identidade é o que não falta aos autores fictícios que tomam assento na nuvem pessoana, sob as várias formas pseudônima, anônima, heterônima, ortônima e semi-heterônima. De qualquer modo, a imagem do “poeta camaleão” adequa-se de um modo forte a Pessoa, passando como passa, em Keats, pela mesma valorização suprema de Shakespeare.

Finalmente, de um modo que tem consequências enormes na sua concepção da escrita literária, Pessoa identifica o Romantismo, num trecho sobre o Sensacionismo, como sendo o primeiro responsável pelo abandono da ideia de um conjunto regrado e estruturado. A fragmentariedade, que é a marca textual sobre-determinante em Pessoa – e caracteriza a escrita do Sensacionismo – é por ele dada, pois, como uma directa evolução do Romantismo. Cito esse trecho decisivo (traduzido do inglês em que Pessoa o escreveu):

“Há três preceitos centrais no sensacionismo. O primeiro é que a arte é supremamente construção, e que a maior arte é a que logra visualizar e criar conjuntos organizados, cujas partes componentes se encaixem vitalmente nos seus lugares; o grande princípio que Aristóteles enunciou quando disse que o poema era um ‘animal’. O segundo é que, sendo toda a arte composta de partes, cada uma delas deve ser perfeita em si mesma; tal como o primeiro era o clássico princípio da unidade e da perfeição estrutural, este é o princípio romântico das ‘belas passagens’ naquilo que contém de verdade, excluindo o erro que faz tudo isto, não atendendo ao mais elevado dos princípios clássicos, o de que o todo é maior do que a parte. O

terceiro preceito do sensacionismo, enquanto estética, é que cada pequeno fragmento que constitui a parte do todo deve ser perfeito em si mesmo; é neste princípio que insistem exageradamente todos aqueles artistas de que os simbolistas são parte, os quais, sendo temperamentalmente incapazes de criar conjuntos muito organizados, e também (como os românticos) vastas e eloquentes seqüências, focam a sua actividade na casca de ovo de produzirem maravilhosas linhas isoladas, ou poemas breves muito perfeitos.”

Vê-se aqui uma progressão, do Classicismo ao Simbolismo, sempre no sentido da rarefação dos conjuntos, da entropia que vai desfazendo as grandes construções literárias. Os trechos curtos que Pessoa escreve toda a vida são descritos como o resultado de um percurso iniciado pelo Romantismo – até ao campo de ruínas textuais em que se transforma a sua literatura.

Esta infracção da tradição clássica passa também pelo abandono da ideia de livro: por mais que a influência de Mallarmé valorize essa ideia, definindo o Livro como a unidade por excelência, a arquitectura simbólica da poesia e do conhecimento, o facto é que Pessoa apenas conclui, das muitas dezenas que projecta, dois únicos livros, *Mensagem* e *The Mad Fiddler*, e este último só postumamente publicado. Tudo o resto são apontamentos e textos soltos, incansavelmente escritos ao sabor do momento, retocados, acumulados, sem ordem definida. É esta, afinal e ainda, a fragmentação romântica, o tal estilhaçamento em “belas passagens” dos conjuntos clássicos, que conduz ao culto simbolista e sensacionista das “marvilhosas linhas isoladas, ou poemas breves muito perfeitos.” E, neste sentido, o Sensacionismo de Pessoa descende do Romantismo.

2 - VANGUARDA ANTI-ROMÂNTICA

No entanto, apesar da impressão digital nítida que o Romantismo imprime na sua obra, como na de todos os modernistas, há também a considerar o lado da recusa do Romantismo. Pessoa, por exemplo, tem uma nota em que descreve “os excessos da arte moderna” como tendo estado na origem de Ricardo Reis, figura concebida por uma estratégia de combate estético: “Ocorreu-me a ideia de [...] um neoclassicismo ‘científico’; assim, além do prazer que eu teria em, por isso, me atacar a mim

e amigos meus (quanto, além de pelo reclame, isso me agrada), eu poderia reagir contra duas correntes – tanto contra o romantismo moderno, como contra o neoclassicismo à Maurras.” Neste contexto, o Romantismo é a poética moderna, à qual o heterónimo neoclássico Ricardo Reis opõe uma tradição milenar sem que, ao mesmo tempo, recuse a novidade científica, o que quer dizer que não parte de um ponto de vista retrógrado. Nem poderia partir, na medida em que o seu combate contra o Romantismo constitui uma base para a afirmação do Sensacionismo (ou da sua versão desse ismo, que é a poética comum dos heterónimos). Da mesma maneira, aliás, Alberto Caeiro é o exemplo maior de desconstrutor do Romantismo, dado que a ligação com a natureza por ele formulada se estabelece pela inteligência dos sentidos e não pela valoração sentimental. Os dois sensacionistas Caeiro e Reis têm a clareza e a serenidade que inscreve o espírito apolíneo em plena Vanguarda.

Depois, num outro dos seus textos de reflexão poética, Pessoa escreve: “O Sensacionismo rejeita, do Romantismo, a sua teoria básica do ‘momento de inspiração’.” Assim vemos que se afirma contra a inspiração romântica. E sabemos que na sua obra não encontramos senão a erupção do êxtase ou a teoria do fingimento. Trata-se, por exemplo, daquela “espécie de êxtase” que é citada a respeito do processo de criação de Alberto Caeiro, o Mestre, descrito na carta a Casais Monteiro sobre a génese dos heterónimos. Quanto ao fingimento, pode dizer-se que é a teoria poética essencial de Pessoa, tal como o célebre poema “Autopsicografia” o formula: “O poeta é um fingidor”.

Quanto a Sá-Carneiro, o ponto que muitas vezes afirma é que não é o entusiasmo romântico aquilo que importa, mas a ideia. É isso que se lê no primeiro poema de *Dispersão*, “Partida”:

*Porque eu reajo. A vida, a natureza,
Que são para o artista? Coisa alguma.*

Este princípio lembra inevitavelmente o que Mário Eloy, o grande pintor da ala vanguardista do grupo da revista *presença*, escreve no catálogo do I Salão dos Independentes em 1930: “Procuro a síntese da forma. Em cada pincelada busco uma intenção cerebral. Por isso, quando pinto, gostava de ter na cabeça pincéis em vez de cabelos”.

De facto, esta defesa da ideia tem evidentes consequências na própria configuração dos temas

poéticos. Por exemplo, no final do mesmo poema de *Dispersão*, lê-se, numa formulação que explica o que é ser artista segundo Mário de Sá-Carneiro:

*Ao triunfo maior, avante pois!
O meu destino é outro – é alto e é raro.
Unicamente custa muito caro:
A tristeza de nunca sermos dois...*

Ora, esta “tristeza de nunca sermos dois”, resultado da altura ideal a que o poeta paira, significa uma solidão ontológica que em Sá-Carneiro é inultrapassável. Essa “tristeza de nunca sermos dois” não é um simples desejo de companhia, mas sim a expressão de um desejo de comunicação levado ao seu limite, quer dizer, à fusão: 1+1=1. Repare-se que, assim entendida, a expressão “ser dois” implica a impossibilidade de comunicação: esta não seria mais necessária, pois deixaria de haver distância entre o “eu” e o “outro”. Tornar-se “dois” é o que acontece aos noivos do conto “Mistério” (do livro de 1915 *Céu em Fogo*), e é por isso que as suas almas confundidas se dissolvem no ar.

Só as muitas cartas que escreve constituem para Sá-Carneiro um momento feliz de comunicação e, portanto, de superação da “tristeza de nunca sermos dois”. Mas essa comunicação implica um diferimento, a carta demora tempo a chegar, é indirecta, e revela, no fundo, a distância entre destinador e destinatário: aí, o desencontro reproduz-se mais uma vez!

Há, em suma, um aspecto resolutamente não-romântico da obra de Mário de Sá-Carneiro, tal como em Pessoa. Não existe nem num nem

no outro o amor como grande tema. O que há é paixão física, posse ritual, sexo: Maria José, Antinous, a Grande Sombra, o Fixador de Instantes, Salomé, a Inegalável. Quando tocam o arco temático da relação amorosa, um e outro colocam-se nos antípodas do lirismo romântico.

Veja-se outro caso, o do projecto da *Novela Romântica*, que Sá-Carneiro desenvolve em cartas a Pessoa em 1915. É a história de duas paixões sucessivas, experimentadas pelo protagonista. Primeiro, a paixão por Branca torna-se impossível, porque é confrontada pela imagem de uma infância inocente antes vivida com Branca; depois, uma nova paixão torna-se impossível porque persiste a imagem do anterior amor por Branca. Assim as imagens entram no jogo amoroso, interferem na realidade, desrealizam-na. O Interseccionismo, que é o nome técnico dessa interferência de imagens, impede a efusão romântica. É, de novo e como sempre, a impossibilidade de “ser dois” e a impossibilidade de possuir.

Em Pessoa, pelo seu lado, há a insistência daquilo que Jean-Luc Nancy e Phillipe Lacoue-Labarthe designam por “inconsciente romântico”. É esse reconhecimento de um romantismo profundo que é sintetizado num verso de Álvaro de Campos do seu poema “Quási”: “Produtos românticos, nós todos...”

Pessoa poderia subscrever inteiramente a ideia de Victor Hugo no prefácio a *Cromwell*, de 1827: “la poésie vraie, la poésie complète, est dans l’harmonie des contraires” (“a poesia verdadeira, a poesia completa, está na harmonia dos contrários”). Pessoa é o nome de um palco virtual em que os autores heterónimos evoluem

como se fossem autores magníficos, heróicos, exactamente no sentido romântico do termo. São personagens fortes que põem em cena a sua emoção transbordante, usando a linguagem e as formas mais adequadas a essa exposição, exactamente como os autores românticos. Os heterónimos não fingem, são sinceros. E, ainda por cima, inspirados (Alberto Caeiro insiste na qualidade orgânica e espontânea da sua poesia, como Ricardo Reis reafirma o aspecto passivo do seu Sensacionismo, e Álvaro de Campos é aquele que se mostra a escrever febrilmente). No entanto, os autores heterónimos têm a característica marcante de não existirem. Na relação de oposição e diferendo dos heterónimos com o poeta Fernando Pessoa, alguma coisa se acrescenta de decisivo: não existe propriamente inspiração do poeta, na medida em que se trata apenas de personagens inspiradas. Aquilo que é sinceridade nos heterónimos é fingimento em Pessoa.

Assim, o Sensacionismo vira do avesso o Romantismo. Aquilo que Victor Hugo escreve no prefácio a *Cromwell* (1827): “Comme Dieu, le vrai poète est présent partout à la fois dans son oeuvre.” (“Como Deus, o verdadeiro poeta está presente ao mesmo tempo em toda a sua obra”) deve ler-se em negativo na poesia de Pessoa: “o verdadeiro poeta” está em todo o lado ausente. Porque tudo nele são efeitos de linguagem, imagens de autor, diálogos constantes. A sua comunicabilidade conosco não é directa, à maneira da poesia lírica. A intensidade da sua escrita marca antes a presença de personagens, como no teatro e na ficção. Pelo que aquilo a que chamamos Pessoa se identifica com a própria variação das suas vozes.

1 Cf. The Norton Anthology of English Literature, ed. M. H. Abrams, 1962, 5.ª ed., vol. 2, Londres, W. W. Norton & Company, 1986.

2 Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, ed. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1966, p. 204.

3 Teoria da Heteronímia, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, 2012, Lisboa, Assírio & Alvim, p. 301.

4 Sobre Orpheu e o Sensacionismo, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, 2015, Lisboa, Assírio & Alvim, p. 88

5 L’Absolu Littéraire, ed. Jean-Luc Nancy e Phillipe Lacoue-Labarthe, Paris, Seuil, 1978, p. 26.

6 Victor Hugo, Oeuvres Complètes. Critique, Paris, Laffont, 1985, p. 26.

O VIZINHO

CONTO DE JORGE SÁ EARP

Devo dizer que custei muito a me acostumar com aquela presença bulhosa ao nosso lado. No início saber da sua excessiva proximidade me incomodava tremendamente. E esse mesmo sentimento partilhava com meus irmãos, embora desde nossa mudança não tivéssemos manifestado tal aborrecimento talvez por acordo tácito em respeito à nossa mãe. Não poderíamos jamais atribuir-lhe qualquer culpa e, com toda certeza, também para ela a decisão de morar ao lado da favela tivesse sido difícil. Em todo caso, naquele momento fora nossa única opção. Uma pena deixar o apartamento em Copacabana – igualmente diminuto porém situado numa rua aprazível, onde eu podia jogar bola tranquilo com Manduca, e se transferir para Botafogo, para aquela ladeira onde justamente ao lado se estendia o casario medonho.

Bem verdade que não só para mim como para meus dois irmãos havia a facilidade de poder caminhar até o colégio público a poucos metros de nossa nova morada, mas acho que mil vezes preferia pegar o ônibus do que me ver vizinho dos casebres infectos.

Foi quando minha mãe se divorciou, ou melhor, se desquitou, porque era assim que se chamava à luz da lei na época a separação conjugal, que nos mudamos para o apartamentinho em Copacabana. Houve litígio, eu nunca quis entrar em muitos detalhes por quê, e caímos de um soberbo endereço em Ipanema para aquele da rua aprazível. Mamãe, que nunca trabalhara fora, viu-se obrigada a fazer concurso e conseguiu emprego numa companhia estatal. Dada sua idade e na condição de iniciante, seu salário e a pensão minguada de papai, que além do mais era extirpada a cada mês com luta, obrigou-a a instalar-se no edifício contíguo ao morro D. Marta.

Como estava antes no colégio São José, as condições econômicas na época de meus pais me obrigara a fazer concurso para o Pedro II. De segunda a sexta-feira, encetava então caminho até o colégio no Humaitá, depois do almoço, envergando aquela camisa branca com a palavra Sul costurada no bolso, à altura do peito.

Naquele tempo eu era um leitor inveterado de histórias em quadrinhos e costumava colocar revistas dentro dos livros para ler durante as aulas das matérias para mim chatas. Não raro acontecia de um professor mais sagaz descobrir meu truque e surrupiar minha revista, além de aplicar-me sem piedade e com suposta justiça alguma punição como convocar-me ao quadro negro para me submeter à arguição, em que eu fatalmente receberia nota mínima.

Tomava o ônibus quando estava fazendo muito calor, o que aliás não era raro. Por isso gostava do inverno, quando podia aproveitar o passeio por aquele trecho arborizado onde ficava a embaixada britânica e outros casarões. Tanto quanto deixava a portaria do meu edifício como quando

regressava, a proximidade da favela me metia medo. Contavam-se muitas histórias sobre o que se passava dentro dela: cão de goelas incandescentes. Virava então à esquerda e seguia caminho junto com Manduca. Riquinho ainda era muito pequeno e minha mãe o deixava num maternal na Real Grandeza. Meu irmão mais moço, entretanto, não parecia ressabiado, não chegava a contar vantagens a respeito mas sempre percebi (e agora estou vendo diante de mim a sua fisionomia determinada) sua coragem. Não é à toa que como jogava bola, fez logo amizade com meninos moradores do morro. Um deles – me lembro – se chamava Lombriga. Apelido, claro, decerto por ser mais magro que os outros.

Pois uma tarde – já não me lembro por que –, voltava sozinho do colégio. Era no mês de junho, as datas das provas já estavam marcadas e os dias eram curtos. As cigarras trinavam, a noite caía e o caminho parecia mais longo. O tráfego parado na São Clemente. Buzinas e à medida que a escuridão se alastrava, o medo ganhava força no meu coração. Chegava mesmo a sentir-lhe fortes as batidas. De repente, ao lado de um poste um passageiro esbarrou em mim. Meu fichário caiu no chão (naquela época, no meu primeiro ano ginásio, levar mala era quadrado, careta) e livros e gibis se espalharam na calçada estreita. Subitamente surgiu alguém para me ajudar, não sei se a mesma pessoa em quem esbarrei ou se outro transeunte.

Agachado em frente ao desconhecido recolhendo juntos aqueles papéis todos, levantei a cabeça e, sob a luz hesitante que se acendia de um poste, dei com um garoto negro mais ou menos da minha idade. Ele sorriu e me entregou uma revista do Superboy, que eu começava a colecionar.

— Também tou fazendo coleção.

— Legal.

Nos erguemos e fomos conversando sobre heróis de histórias em quadrinhos. Quando dei por mim, estávamos na pracinha em frente ao Morro D. Marta.

— Eu vou pra ali – ele disse apontando para a favela que já tinha suas luzinhas acesas.

Então percebi que o desconhecido envergava também um uniforme colegial só que de outra escola pública das imediações.

— Tião – me respondeu depois de eu lhe ter perguntado o nome. E subiu numa viela entre barracos.

Aconteceu naquela mesma noite de eu comentar com minha mãe, durante o jantar, que tinha conhecido um morador da favela simpático, prestativo e que comigo compartilhava o gosto pelas HQ.

— Cuidado, Miguel! Muito cuidado! Você sabe que essa gente aí... Depois você fica amigo, não sabe quem é, como é a família dele e pode

começar a te pedir coisas... Não sei, é melhor evitar qualquer contato com a malandragem aí do morro. Se eu pudesse me mudava. Mas não posso! Agora não posso. Se o seu pai...

— Ih, que besteira, mamãe! – Manduca interveio. – Eu jogo futebol com o pessoal do morro e não tem problema, não!

Nossa mãe engoliu a comida rápido e retrucou com uma entonação que me lembrou tia Joaninha, minha primeira professora no primário:

— Futebol é futebol. A partida acaba e cada um vai embora pra casa. Ficar de conversa fiada na esquina falando de livros é outra coisa!

— Não era de livros que a gente tava falando; era de histórias em quadrinhos.

Ela emudeceu um instante meditativa e sentenciou:

— Você devia ler livros, Miguel, e não essa bobajada! Assim encontrava companhia melhor!

Não foi por causa do conselho materno – um tanto incisivo, é verdade – que fui deixando aos poucos os gibis e me interessando pela literatura; talvez o estímulo eu deva ao professor Olegário; ou à sua capacidade de persuasão. Ignoro, por outro lado, se Sebastião teve semelhante contrapartida, mas o fato é que, à medida que nossos encontros – programados ou não – foram se amiudando, as conversas sobre super-heróis e animais falantes foram sendo substituídas por autores ditos sérios.

Me lembro que uma vez – se não me falha a memória, uma tarde de inverno semelhante àquela do nosso primeiro encontro, com luzes dos postes piscantes, lutando para brotar – conversávamos na calçada da rua São Clemente sobre o *Memórias de um Sargento de Milícias*. Tião tinha sido obrigado a ler o romance pelo professor de Português e eu ainda estava lá pela vigésima página, cumprindo dever semelhante.

E justamente comentávamos que aquele livro fora bem escolhido, ao contrário de outros, em anos anteriores por professores diferentes, que tinham se revelado uma verdadeira tortura.

Algum tempo depois – e aí já éramos maiores – na padaria da Real Grandeza entre salgados, coca-cola e guaraná (Tião só bebia guaraná), evoluíamos para Machado de Assis, tendo passado inevitavelmente por Alencar e os vários contemporâneos. Poesia também começou de repente a fazer parte das nossas tertúlias. Trocávamos livros de poetas antigos e novos.

— Qualquer dia desses a gente vai acabar escrevendo... – joguei essa frase mentirosa com vergonha de revelar que já tinha uma pilha de poemas na gaveta dirigidos aos amores impossíveis e realizados.

— Tenho jeito, não. – Tião respondeu com cara encabulada.

Nossos encontros continuavam quase que marcados no caminho de volta dos colégios, passando mesmo a acontecer de vez em quando nas tardes de sábado ou de um ou outro domingo na praça.

— O Miguel ficou amigo do Tião! – delatava Riquinho à minha mãe, que se num primeiro momento espetou-me um olhar de censura, passou a ignorar essas provocações limitando-se por vezes a um suspiro. Nunca bati nos meus irmãos, embora tenha sentido vontade de aplicar um cascudo em Ricardo quando botou a boca no trombone pela primeira vez.

Trocávamos figurinhas e revistas de HQ sentados no banco em frente aos balanços e escorregas. Além de conversarmos sobre livros, falávamos de cinema e de seriados da televisão, com o ruído de crianças brincando à nossa volta e garotos jogando bola.

Pouco a pouco nossa intimidade cresceu e trocamos confidências sobre namoradas, isso já em bares de Copacabana. O mar, o pôr do sol, a lua e o

rochedo do Leme ao fundo propiciavam essa ruptura na timidez de ambos. E não menos o chope.

Aqui cabe uma confidência fescenina: porque depois de frequentarmos o cine Capri na Voluntários – onde vimos o *Mash*, (e Tião rolou de rir com a cena da enfermeira surpreendida nua tomando banho quando a barraca é arrancada pelos dois recrutas vividos por Elliott Gould e Donald Sutherland), ousamos ir até o poeira-pornô situado no começo daquela rua. Hoje é uma sala de filmes de arte. Pois foi ali, nos últimos assentos, que assistimos com deleite o filme *Lilian, a Suja*. Batemos punheta um ao lado do outro. Outros sujeitos faziam a mesma coisa, e na sala escura raramente o lanterninha incomodava nosso tributo a Onã.

Quando entrei no curso clássico no mesmo Pedro II, não vi mais Tião. Passei a estudar de manhã, mas apesar disso continuava a procurá-lo na pracinha aos pés da favela. Nada. Cheguei a perguntar a Lombriga, que continuava a jogar bola com Manduca, se tinha notícias dele.

— Sei não, cumpade. – era a resposta sempre ouvida.

O Boliche, outro companheiro de meu irmão nas peladas, uma vez me veio com essa:

— Ouvi dizer que se mudou com a mãe e os irmãos.

Mas se mudar da favela? Existiria alguma família que se mudaria do morro? Pra onde? O garoto gordote não sabia. Talvez fosse mentira. Uma vez Tião me dissera que um tio seu, que era capataz de uma fazenda no Estado do Rio, vivia convidando ele para trabalhar lá.

— Mas e o colégio? Você vai trabalhar na terra?

— Isso aqui num dá, não. É muito violento. O tanto de droga e traficante que tem lá em cima, cê num faz nem ideia.

— Mas e os livros?

— Estudo de noite e de dia trabalho na terra. Vou viver com as vacas, com o cheiro do mato. E tomar banho de rio e de cachoeira.

Ia dizer que podia ser uma boa, mas fiquei quieto. Me limitei a olhar para Tião com saudade.

Talvez ele tivesse ido para Cordeiro. Talvez ainda continuasse a morar na favela. O fato é que mesmo depois que nos mudamos de Botafogo e voltamos para Copacabana, a imagem do amigo de infância permanecia latejando dentro de mim. Não sempre, é claro, mas quando irrompia em meu caminho alguma referência comum, como Batman ou Superman ou acontecia de passar naquelas artérias de Botafogo e me deparar com os atuais cinemas que foram o Capri e o pornô, emergia a imagem de Sebastião. De quê? Nunca soube seu sobrenome. Nunca tive coragem (nem ele nunca me convidou) de subir até o barraco onde vivia com a mãe e os irmãos.

Passei uma tarde na pracinha contemplando a favela para ver se o Tião aparecia. Nada. Nem mesmo os companheiros de pelada de Manduca. Lá no alto duas pipas se cruzavam. A noite foi caindo, o largo silenciando, as luzinhas se acendendo aos poucos e eu lançando meu olhar inquieto e indagador para o conglomerado de casebres na encosta do morro. Súbito a bocarra negra se abriu, exibiu seus dentes e língua para se fechar lentamente em silêncio.

JORGE SÁ EARP

é carioca. Publicou diversos livros de poesia, contos e romances, um dos quais, *Ponto de Fuga*, foi agraciado com o Prêmio Nestlé de Literatura em 1995.

PÁGINA ESCOLHIDA

FRANCISCO ALVIM

CONVIDOU

Melhor convidar
Pra depois não dizerem que não

BLOCO

Alô meninas
Chegou a hora
Solta a rolha Marilene

NAQUELA COPA

Como vai ser?
Não sei. Talvez, se o Papa viesse...
Só em 2017, para o tricentenário da imagem da Padroeira
Bom mesmo se viesse agora em junho
Se fosse ele, viria
Por onde vai o Brasil
caminha a Igreja (e a Argentina)
Quem diria, como tem gente que não gosta de bola
É, e da gente
Você viu a do Temer?
Na mosca
De fato, a crise ao contrário das anteriores (30, 32, 37,
45, 64, 68) não é institucional
E daí, por enquanto?
E essa agora de acenar com o exército nas ruas
Me lembro do Negrão, que governava a Guanabara
Na televisão em 68
Fiquem em casa, exército não é policia. Atira

*Não é desconfiança
É falta de certeza*

ÔNIBUS

É muita lata.

TUMBA

Puseram ele
no topo do prédio, de guindaste

SALVA DE SILVIOS

Este cascavel
dobrei-o
contrito

Genuflexo

Carrego-o comigo
em meu bolso -
enrodilhado

Naquele em que jamais
meto a mão

DIANE

Levanta essa cabeça,
Daiane!

Pra andar assim
murcha
não dá!

O ALVARÁ

onde está?
na sala do juiz

NA GAVETINHA DE CIMA

fulana
onde está
o
raspador
de
o
ss
o

PEÇO TEMPO

uns dez minutinhos
uma meia horinha